



Uma outra educação é possível

INDICE

EDITORIAL	2
MATÉRIA DE CAPA	3
<i>A exclusão está fora e dentro da escola</i>	3
Entrevista com Pablo Gentili	3
<i>Multidão, arte e educação</i>	6
Entrevista com Maria Benites	6
<i>"A relação direta educação-emprego encobre-se de um discurso cínico"</i>	10
Entrevista com Gaudêncio Frigotto	10
<i>"Ninguém ensina nada a ninguém. Aprendemos juntos"</i>	13
Entrevista com Moacir Gadotti	13
<i>A Unisinos e o III Fórum Mundial de Educação</i>	17
Porto Alegre, por duas semanas, capital do mundo?!	17
"O ato educativo carrega em si o compartilhamento entre educadores"	18
Precisamos nos desafiar a pensar a educação	19
Educação, solidariedade e paz	20
Cidade educadora	20
Educação e mercantilização	21

DESTAQUES DA SEMANA	22
ARTIGOS DA SEMANA	22
O ataque aos cristãos no Iraque	22
Por Gilles Kepel.....	22
As três pobreza da universidade.....	23
Por Cristovam Buarque	23
ENTREVISTA DA SEMANA	24
"A crise do catolicismo vem da sua imobilidade diante das mudanças culturais" ...	24
Danièle Hervieu-Léger entrevistada por Henri Tincq	24
MEMÓRIA	26
O DNA ficou órfão. A morte de Francis Crick	26
Luca Tancredi Barone	26
Um código do nosso presente.....	28
A fotografia obscurecida	30
As provas experimentais da estrutura do DNA de Rosalind Franklin.....	30
DEU NOS JORNAIS	31
FRASES DA SEMANA.....	34
EVENTOS IHU.....	36
ABRINDO O LIVRO	36
David Le Breton: O sentido do corpo.....	37
IHU IDÉIAS	39
Ética e Mídia foi debate da última edição	39
Cinema de arte x cinema de entretenimento.....	40
II CICLO DE ESTUDOS SOBRE <i>O MÉTODO</i> , DE EDGAR MORIN	42
ERA VARGAS EM QUESTÃO	43
ENCONTROS DE ÉTICA PARA ALUNOS	43
Medos visíveis e invisíveis	43
IHU REPÓRTER	46
CHRISTIAN HOFSETZ	46
SALA DE LEITURA.....	48
CARTAS DO LEITOR	50

EDITORIAL

De 28 a 31 de julho de 2004, realizou-se, em Porto Alegre, o III Fórum Mundial de Educação (FME) com o tema Outra educação é possível. Participaram do evento mais de 22 mil pessoas de 47 países. No Fórum, foram realizadas três conferências, cinco debates temáticos, 75 atividades autogestionadas, 1650 pôsteres e o Painel

Internacional A Contribuição dos Diversos Fóruns para a Construção da Plataforma Mundial de Educação. A Unisinos, além de estar presente com 17 representantes que apresentaram diversos pôsteres e mesas temáticas, teve uma presença permanente junto ao IHU com um estande onde foi lançado o Simpósio Internacional Terra Habitável: Um desafio para a humanidade, que acontecerá de 16 a 19 de maio de 2005. Uma promoção de tal importância teve pouca repercussão na grande imprensa. Foi a Agência Carta Maior que fez uma excelente cobertura do evento. A relevância do Fórum é o motivo de ele ser o tema de capa do boletim nesta semana.

*Um outro assunto desse número é o do corpo na época contemporânea. A entrevista de David Le Breton, professor de Sociologia e Antropologia na Faculdade de Ciências Sociais da Universidade de Estrasburgo, a apresentação do livro **Adeus ao corpo. Antropologia e sociedade** do mesmo autor no Abrindo o livro nesta semana e a entrevista do Prof. MS Julio Cesar Walz, psicólogo clínico e professor da Escola Superior de Teologia (EST), de São Leopoldo e, de certa forma, a entrevista da socióloga Danièle Hervieu-Léger, abordam o tema, sob diferentes pontos de vista. A revolução desencadeada, a partir de 1953, com a publicação do artigo que, pela primeira vez, descrevia com exatidão a estrutura do DNA, o ácido desoxirribonucléico, a molécula que está encerrada no núcleo de todas as células de todos os organismos vivos, tem tudo a ver com a mesma problemática. A editoria "Memória" é dedicada a Francis Crick.*

A todos e todas uma ótima semana e uma proveitosa leitura!

[\(Voltar ao índice\)](#)

MATÉRIA DE CAPA

A EXCLUSÃO ESTÁ FORA E DENTRO DA ESCOLA

Entrevista com Pablo Gentili

*IHU On-Line conversou por telefone com o professor e pesquisador da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Pablo Gentili, que avalia o Fórum com o um grande passo em relação aos anteriores. "Conseguimos consolidar espaços, já que o Fórum não pretende ser só um evento, e sim um espaço de articulação de lutas e propostas. Por isso criamos uma plataforma mundial de lutas pelo direito à Educação que seria o objetivo do Fórum a longo prazo." Segundo ele, um dos principais desafios da educação hoje é poder ampliar o direito à educação que vai muito além do direito à escola. Pablo Gentili, argentino, é pesquisador do Laboratório de Políticas Públicas (LPP) da UERJ, onde coordena o Observatório Latino-Americano de Políticas Educacionais (Olped). É professor do Programa de Pós-Graduação em Educação da UERJ. Doutor em Educação pela Universidade de Buenos Aires, onde atuou de 1986 a 1992 como professor na disciplina de Sociologia da Educação. Autor e organizador, entre outros, dos seguintes livros: **A Falsificação do Consenso - Simulacro e imposição na reforma educacional do neoliberalismo**. Petrópolis: Vozes, 1998; **Globalização Excludente - Desigualdade, exclusão e democracia na nova ordem mundial**. Petrópolis: Vozes, 1999; **Códigos para la ciudadanía. La formación ética como práctica***

de la libertad. Buenos Aires: Santillana, 2000; **Universidades na penumbra. Neoliberalismo e reestruturação universitária**. São Paulo: Cortez, 2001; **Educar na esperança em tempos de desencanto** (junto com Chico Alencar). Petrópolis: Vozes, 2001. Pablo Gentili participou, junto com Istvan Mészáros (Inglaterra) e Ricardo Antunes (Brasil), da conferência de abertura do III Fórum Mundial de Educação (FME), no dia 28 de julho de 2004, no Gigantinho, cujo tema foi *A Educação para Além do Capital*.

IHU On-Line- Como o senhor avalia o III FME?

Pablo Gentili- Este Fórum teve um avanço muito grande em relação aos anteriores nos quais tivemos a possibilidade de gerar um espaço de articulação, de promoção de iniciativas, de frentes, de luta e propostas. No atual, conseguimos consolidar muito mais esse espaço. A sugestão do Conselho Internacional do Fórum é que ele não seja só um evento, e sim um espaço de articulação de lutas e propostas. Nos anteriores, tínhamos avançado, mas não estava claro como íamos dar forma a este movimento. O Fórum é, sobretudo, um espaço onde se podem escutar propostas inovadoras no campo educativo.

IHU On-Line- Que principal desafio da educação o senhor indicaria no contexto da pós-modernidade?

Pablo Gentili- Os relatos das diferentes mesas e oficinas apresentaram uma série complexa de desafios. Acho que algumas questões são fundamentais, como, por exemplo, a luta contra uma nova etapa nas políticas neoliberais no campo educativo. O que nós vivemos até agora é um primeiro momento do desenvolvimento dessas políticas, não veio ainda “o” projeto neoliberal de educação. Nesse sentido, há uma grande discussão a respeito, por exemplo, da inclusão da educação no Acordo Geral sobre Serviços (GATS). A Organização Mundial do Comércio (OMC) e a Área de Livre Comércio das Américas (Alca) são projetos que levam em conta principalmente o aspecto econômico e terão, como tiveram outros acordos de livres comércio, em outros países do mundo, um impacto nas políticas educativas muito grande. Devemos pensar as políticas neoliberais não só dentro das esferas de cada país, mas também dentro dos projetos mais globais que estão sendo aplicados em nossos países. Uma outra discussão importante é em relação ao sentido do direito à educação hoje. Ele deve ser pensado como uma garantia muito mais integral que o acesso à escola. O direito à educação inclui o acesso à escola, mas vai muito além. Quando falamos de exclusão educativa, devemos olhar para quem está fora e para quem está dentro da escola. Há necessidade de articular as lutas sociais por melhores condições de vida, justiça, igualdade com as lutas educativas. Não escolarizar as lutas educativas, reduzindo-as à luta dos educadores, há que ampliar essa luta.

IHU On-Line- Como descreveria a exclusão que está no sistema educativo?

Pablo Gentili- Na América Latina, há um grande risco de fazer com que os governos apresentem os índices de escolaridade como sinal de melhora nas possibilidades de acesso a um direito social. Hoje as grandes desigualdades processam-se no interior do sistema educativo. O simples acesso à educação é condição necessária, mas não suficiente para tirar das sombras da exclusão e do esquecimento social milhões de pessoas cuja existência hoje só é reconhecida em estatísticas. Ao longo dos anos 1980 e 1990, a América Latina teve um aumento das oportunidades de acesso à educação para os pobres e, no entanto, mesmo assim, os pobres ficaram mais pobres. Temos hoje o maior índice de escolarização de toda a história da América Latina, mas temos também o maior número de pobres da história do Continente. Cerca de 50% da população latino-americana sobrevive hoje abaixo da linha da pobreza e cerca de 50% vive em estado de pobreza. Uma das questões que verificamos é que, na América Latina, há especificidades muito claras e precisas, mas também há algumas

particularidades regionais. O Uruguai e a Argentina, por exemplo, conseguiram a proeza de colocar mais da metade de sua população na linha de pobreza (ou abaixo dela) em pouco mais de cinco anos. Esses dados indicam que estamos presenciando um deslocamento do processo de exclusão educacional, que não estaria mais acontecendo tanto na questão do acesso à escola, mas sim dentro dela, mediante um sistema educacional que pratica e estimula a separação social.

IHU On-Line- Essa afirmação vale para o Brasil?

Pablo Gentili- Sim, claro. O sistema educativo brasileiro não existe como sistema. É um conglomerado de instituições que oferecem tipos de oportunidades educativas muito diferentes aos diferentes grupos sociais. Os que não têm acesso ao sistema são discriminados, mas há muitos que têm acesso ao sistema e continuam discriminados. Hoje uma pessoa vai à escola, mas não tem a mínima noção de que tipo de educação recebe, que tipo de oportunidade educativa tem e, conseqüentemente, se essa oportunidade educativa é ou não uma situação de direito. Então, uma das idéias que eu mais defendo é radicalizar a idéia do próprio direito à educação, que não somente permita o acesso, mas também quebre a lógica diferenciadora que o sistema educativo tem.

IHU On-Line- Como a escola e as diversas instituições que, de alguma forma, estão relacionadas ao ensino, enfrentam a autonomia radical do indivíduo própria da pós-modernidade? Qual é o futuro dessas instituições?

Pablo Gentili- A educação não se restringe aos sistemas educativos. Nesse sentido, os processos de distribuição desigual do conhecimento acontecem no interior da distribuição desigual do poder. Mas, é certo que a escola é o lugar onde acontecem os processos educativos. É um espaço de detenção de valores e princípios de uma ética que vai constituindo e dando sentido à nossa sociedade. A escola como instituição educadora, muitas vezes, perde a função de educar, em termos de criar um espaço para produção e socialização do saber e se transforma numa agência em alguns casos totalmente ideológica de transmissão de valores que reproduzem uma sociedade hedonista, individualista, mas, de qualquer forma, longe de abandonar o espaço da escola, devemos pensar formas de sua democratização e de políticas educativas que permitam transformar o sentido da educação em nossa sociedade. A escola é um espaço de conflito, de confrontação, de luta, que permite quebrar o poder dominante, embora, na maioria das vezes, os valores que a escola transmite levam a reproduzir esta cultura egoísta, do individualismo, ela pode ser um espaço de construção de outros valores que permitam questionar e transformar a ordem.

IHU On-Line- Como avalia as medidas tomadas até o momento pelo Ministério de Educação?

Pablo Gentili- No que se refere ao tema cotas, acho que o governo tomou a decisão de transferir o problema das cotas ao Congresso. É uma decisão política acertada, porque amplia o debate e permite levar a discussão ao parlamento. É, ao mesmo tempo, uma decisão arriscada porque pode demorar mais do que o necessário. O Parlamento, lamentavelmente, se guia por atitudes extremamente corporativas e fechadas nas negociações e uma discussão tão importante como essa não pode se reduzir a intercâmbios de favores políticos, de barganha, para garantir que medidas tão importantes como essas sejam aplicadas. Acho que as cotas são necessárias no desenvolvimento de uma política de ampliação de direitos numa sociedade como a brasileira, embora não sejam a única medida que se deve tomar. Não são as cívicas, e sim as necessárias. Acho também que o controle da universidade privada é fundamental,

porque a crise da educação superior está relacionada também a um crescimento desordenado, anárquico, corrupto do ensino privado. Acho que *Universidade para todos* pode chegar a ser um espaço de discussão destes temas. O problema é que *Universidade para todos*, ou seja, garantir vagas nas universidades privadas não soluciona o problema do controle público, que é o grande tema em discussão do Sistema de Ensino Superior Privado, que, no meu entender, seria o tema que estaria por trás do projeto *Universidade para todos*. O governo está começando com um conjunto de políticas que, na medida em que se apresentam de formas isoladas, darão um resultado importante, mas muito limitado. Ele deveria insistir na necessidade de pensar um projeto mais integrado da reforma educativa no Brasil.

[\(Voltar ao índice\)](#)

MULTIDÃO, ARTE E EDUCAÇÃO

Entrevista com Maria Benites

“A Arte e Cultura são cada dia mais objetos, mercadorias, fetiches e menos processos sociais, criativos, de relações construídas em praticas sociais, a educação está correndo o mesmo risco”. Essa é a opinião da argentina Maria Benites, entrevistada por e-mail para IHU On-Line. Maria Benites é coordenadora do Doutorado Internacional em Educação da Faculdade de Educação da Universidade de Siegen, na Alemanha. É diretora internacional do Instituto Vygotskij - Brasil/Alemanha/Dinamarca. Coordena o Projeto Internacional e Interdisciplinar Fenster Für Die Welt (Janelas para o mundo). É autora do projeto e implementação da Bienal do Mercosul de Porto Alegre. Possui artigos publicados na Alemanha, no Brasil, na Dinamarca e na Inglaterra sobre Arte, Educação e Psicologia. A pesquisadora participou do debate temático A juventude, a educação e a democracia, e do pôster temático Educação, Arte e Cultura, no III FME.

IHU On-Line- Qual é sua avaliação geral do Fórum?

Maria Benites- Os números do Fórum talvez possam ser um indicador do seu alcance: 48 países, mais de 22 mil inscrições, 6.600 participantes estrangeiros, 1700 pôsteres, divididos em 19 eixos temáticos, entre outros dados quantitativos que permitem também tirar alguns indicadores qualitativos. São essas as informações que colocam o Fórum Mundial de Educação numa plataforma democrática para debater temas de alcance realmente mundial especialmente no que diz respeito aos novos rumos que a Educação deverá seguir nos próximos anos.

Mas na minha opinião, tudo isso não é ainda suficiente, falta mais participação de países da África e da Ásia, continentes que sofrem uma discriminação enorme com as decisões ocidentais, brancas e cristãs. Os principais avanços são:

- A conscientização em nível mundial de que a educação é um problema que deve ser resolvido também em nível mundial.

- A conscientização de que educação é um dos problemas nevrálgicos de nossa sociedade e que coloca outras questões que não podem ser separadas, tais como políticas de educação, mercado de trabalho, modelo econômico, dívida social, etc.

Considero também um grande avanço a consciência de que a educação é um processo a ser desenvolvido ao longo da vida, desde antes do nascimento até o fim. Com isso a possibilidade de aprender se consolida como uma necessidade humana que acompanha o sujeito ao longo de todo seu percurso vital.

Os limites são as dificuldades de obter, de organismos nacionais e internacionais, a compreensão de que o futuro da nossa sociedade está sendo colocado em perigo real, não

mais imaginário, haja vista a quantidade de jovens que morrem hoje em dia por falta de perspectivas, cooptados pela delinquência, massacrados por guerras. A pergunta seria: O que estamos fazendo com o nosso futuro, ele está sendo destruído no presente, porque os jovens são o futuro em ação?

***IHU On-Line* - Quais são os desafios mais importantes que a escola e as instituições herdeiras da educação enfrentam em um tempo de pós-modernidade?**

Maria Benites- Os desafios desta modernidade - ainda não estabelecida em grandes regiões do globo (apesar da famosa globalização), se considerarmos os milhões de africanos, asiáticos, americanos (sobretudo latino-americanos) à margem de toda e qualquer vantagem tecnológica, sem água potável, sem luz elétrica, sem encanamento, sem computador....- é o de repensar a modernidade como modelo de sociedade: Qual será a tecnologia que produzirá desenvolvimento real? Qual o modelo econômico que gerará distribuição de riquezas e igualdade de possibilidade para os membros da sociedade global? Qual o modelo político em que o poder estará na decisão democrática do povo? Qual o modelo de educação estimulará a tolerância, a paz entre os povos, a solidariedade e a consciência ecológica?

Educar nesse contexto significa para mim um esforço da sociedade como um todo, significa não deixar nas mãos de pequenas elites decidir o que será a educação para as próximas gerações. Prioritariamente, se deveria começar a colaborar com os jovens e também com as crianças para encontrar um modelo que não repita os erros atuais da educação.

***IHU On-Line*- O que significa educar nesse contexto?**

Maria Benites- Educar para mim hoje, muito mais que reproduzir conhecimentos socialmente acumulados significa produzir conhecimento com práticas sociais que estimulem valores como solidariedade, justiça social, paz e criatividade.

O mercado de trabalho não pode reger a educação de uma sociedade, mas a falta de trabalho para uma sobrevivência digna inutiliza toda proposta de educação. Portanto, o verdadeiro desafio é o de mudar as leis do mercado para transformá-las em leis para os homens e mulheres, que permita podermos viver em um mundo mais justo, mas sereno e mais pacífico.

Acredito que isso não é utópico, mas reconheço que é difícil. Um grande pensador brasileiro Paulo Freire falou de realizar os inéditos viáveis, que eu rebatizo como as utopias viáveis, pois a utopia é o que ainda não existe, porém o que nós já sabemos que deveria existir.

***IHU On-Line* - Quais os aspectos que mais destacou no seu testemunho sobre "Educação, Arte e Cultura" e quais as reações que pôde perceber no público presente?**

Maria Benites- A minha primeira impressão, quando vi os mais de 160 pôsteres inscritos neste eixo temático, foi que, aparentemente, esta proposta foi entendida como uma proposta escolar, universitária, quer dizer uma educação, uma arte e uma cultura circunscrita ao espaço escolar e confesso que me assustou um pouco trazer a minha proposta que parte de uma pesquisa na que trabalho há dois anos (lamentavelmente não em tempo integral) sobre a estética dos movimentos sociais. Acredito que, hoje em dia, a indústria cultural deixou poucos redutos para a Arte com maiúscula. Assim como o processo de hegemonia cultural a que assistimos está assinando o decreto de morte da cultura, pois o desenvolvimento de uma cultura depende de diferenças que estão sendo eliminadas com uma eficiência assustadora. Quer dizer Arte e Cultura são, cada dia mais, objetos, mercadorias, fetiches e menos processos sociais, criativos, de relações construídas em práticas sociais. A educação corre o mesmo perigo e por isso me dediquei a procurar onde pode estar surgindo um novo tipo de arte, um novo tipo de prática estética. Neste momento, teríamos que ser mais atentos aos conceitos de "escultura social" de

Joseph Beuys¹, de “multitude” de Baruch Spinoza do que a museus e galerias onde o que está proposto não é muito inovador.

***IHU On-Line-* Houve aspectos comuns nas reflexões dos diversos pôsteres sobre o tema?**

Maria Benites- Debater meu ponto de vista com os mais de 160 expositores de pôster foi uma experiência maravilhosa, porque no diálogo foi destacado que, no fundo, quem realmente trabalha com Arte, com Educação e com Cultura tem poucas divergências e muitas diferenças, tem poucos dogmas e muitas perguntas, tem poucas certezas e um mundo de curiosidade para iniciar diálogos que perpassem as experiências cotidianas e se transformem em possibilidades de criatividade, de recriação e sobretudo de vivências originais. Acredito que, com este tipo de diálogos, práticas concretas e cotidianas serão enriquecidas pelas visões de mundo, pelas teorias, pelas diferenças culturais e sobretudo pela necessidade de construir bases que tenham por princípio o respeito às diferenças, o direito à arte, à educação, ao acesso aos bens culturais, ao exercício e prática da cultura. No debate, nos debruçamos todos os participantes na busca de princípios, de caminhos que unissem nossos anseios de construir um outro mundo que se faz possível por meio destes encontros.

***IHU On-Line-* De sua vasta experiência em educação na Europa e na América Latina, quais aspectos mais destacaria como urgentes a serem transformados em cada um desses continentes? Que experiências educativas inovadoras poderia destacar em ambos continentes?**

Maria Benites- No fórum temático de abril de 2004, apresentamos junto com o Prof. Fichtner² uma conferência sobre um trabalho que estamos desenvolvendo sobre experiências educativas inovadoras no International Education Doctorate (INEDD) um programa internacional de doutorado em educação na Alemanha, especificamente na Universidade de Siegen. O central desta palestra foram três experiências que consideramos absolutamente inovadoras: a primeira foi um relato da Tese de Doutorado do Professor Falko Peschel, que durante quatro anos trabalhou com 30 crianças numa escola alemã sem nenhum tipo de currículo, deixando e acompanhando-as no processo de aprender organizado, dirigido e aplicado por elas mesmas, com um resultado, no final da experiência, de 30% de aproveitamento superior da média alemã de crianças educadas em escolas tradicionais; a segunda foi a experiência em Cuiabá de um projeto do Secretário Municipal de Educação Carlos Maldonado, denominado *Universidade Popular Comunitária*, um exemplo da educação de adultos que realmente consideramos absolutamente inovador. Eles ingressam nesta universidade com o objetivo de desenvolver todo o processo de aprendizagem formal, porém sem deixar na porta de fora todo o saber acumulado ao longo da sua vida. Este exemplo é muito difícil de descrever, porque ele rompe com todos os modelos estereotipados de instituição educacional, o aluno é autor, ator e co-educador de si mesmo. Temos quatro doutorandos trabalhando sobre este projeto; finalmente o terceiro exemplo é o da sociedade dos *Enawe-nawe*, povo indígena da Amazônia, estudado pelo antropólogo Gilton Mendes da Universidade de São Paulo (USP), em cujos relatos fica claro que nessa sociedade de mais de 200 habitantes por aldeia, ninguém educa ninguém, mas todos aprendem.

¹ Joseph Beuys, alemão, nasceu em 1921, em Krefeld e morreu em 1986 em Düsseldorf. Foi o primeiro artista alemão de reputação internacional do pós-guerra. Tanto a obra como a personalidade de Beuys desatou reações violentas. Por um lado, uma rotunda negação e, por outro, uma aceitação incondicional. (Nota do *IHU On-Line*)

² Bernd Fichtner, alemão, doutor em Ciências da Educação pela Universidade de Bielefeld. (Nota do *IHU On-Line*)

No pensamento de Gregory Bateson³, existe um conceito que acho fundamental para entender o nosso momento atual, que é o “duplo vínculo”: isto é, não se pode obrigar ao ser humano a ser criativo, a amar e a aprender sem correr o risco de transformá-lo num esquizofrênico.

IHU On-Line- Está querendo acentuar a dimensão processual do aprendizado?

Maria Benites- O processo de aprender é um processo de liberdade em ação. Vários educadores e inúmeros pensadores definiram isso com toda a clareza, porém parece que isso é muito difícil de aprender em uma sociedade que aparentemente sabe o que deverá ser ensinado às novas gerações (e também aos adultos que querem aproximar-se de processos educativos). O medo de deixar o processo de aprender sem um controle vindo ninguém sabe de onde domina e perpassa a grande maioria por não dizer todas as instituições educacionais. Mais de 30 anos atrás um jovem texano de 15 anos escreveu uma carta a Margareth Mead⁴, dizendo que ele não queria ser parte integrante de uma geração que repetiria a educação dos seus pais, porque caso ele fizesse isso o mundo só tenderia a piorar, e é isto que eu pergunto para os adultos de hoje: Como fazer para que os jovens de hoje deixem um mundo melhor que este aos seus filhos? A resposta talvez esteja fora de nossos círculos fechados de educadores, temos que buscá-la.

IHU On-Line- Nesse sentido, está se referindo à educação que se faz também fora dos espaços clássicos?

Maria Benites - O que acho importantíssimo destacar é que a educação precisa fundamentalmente sair de seus preceitos formais, de seus espaços fechados, de seu academicismo elitista e entrar na sociedade da qual deveria estar íntima e à qual, indissoluvelmente ligada. A sociedade civil organizada, os movimentos, os partidos políticos devem estar lado a lado construindo um outro mundo possível. Educar para a cidadania é uma frase que ultimamente ouvimos freqüentemente, porém a cidadania precisa ser exercida e é, nos partidos políticos, que essa cidadania deve ser exercida, é na escolha de projetos político-partidários que incluam os anseios da sociedade, é na criação de mecanismos legais que ratifiquem as escolhas e as decisões, é na criação de novas estruturas nacionais e internacionais que respeitem as decisões majoritárias se as antigas ou as já estabelecidas não as respeitarem. A utilização da tecnologia (considero também tecnologia o aprender a ler e escrever) pelas sociedades para formar os seus integrantes é somente um aspecto, falta a educação do sujeito participante e não passivo, político e não-alienado, curioso e não-resignado e sobretudo PRODUTIVO, e não reprodutor.

IHU On-Line- Que saídas a senhora pode visualizar diante dos iminentes perigos enfrentados pela educação?

Maria Benites- Enquanto existe uma hierarquização do conhecimento como um poder que pode ser convertido em mercadoria passível de lucro e trocas, em que o mercado determine o tipo de educação reprodutora, na qual a submissão a interesses outros que não a educação como patrimônio do ser humano, não vejo muita saída à crise da educação, ao aumento da violência, à falta de uma ética social que permita considerar todos os seres humanos de forma

³ Sobre Gregory Bateson, *IHU On-Line* publicou o artigo *Gregory Bateson, pensamento que vive*, na edição n.º 108, de 5 de julho de 2004, por ocasião do centenário de seu nascimento. Cientista, antropólogo e filósofo, Bateson nasceu em Cambridge, em 9 de maio de 1904, e morreu nos Estados Unidos, em 4 de julho de 1980. (Nota do *IHU On-Line*).

⁴ Margareth Mead (1901-1978), conhecida antropóloga estadunidense, esposa de Gregory Bateson. Entre suas obras citamos *Adolescência y cultura en Samoa*. Buenos Aires: Paidós. 1974; e *Sexo e Temperamento*. São Paulo: Perspectiva, 1979 (Nota do *IHU On-Line*).

igualitária e como parte integrante da mesma plataforma vital e gostaria de terminar com um poema de John Donne⁵ de que fiz uma tradução livre e diz mais ou menos isto:

Se a Europa perde uma rocha,
 Todo o continente perde e se sente diminuído.
 Se o gênero humano perde um homem,
 Todo o gênero humano perde e sente diminuído,
 Por isso...
 não me perguntem por quem os sinos tocam...
 ... eles tocam por ti.

[\(Voltar ao índice\)](#)

"A RELAÇÃO DIRETA EDUCAÇÃO-EMPREGO ENCOBRE-SE DE UM DISCURSO CÍNICO"

Entrevista com Gaudêncio Frigotto

*Gaudêncio Frigotto é professor titular da Faculdade de Educação e do Programa de Doutorado e Mestrado em Educação da Universidade Federal Fluminense, do Rio de Janeiro, onde é membro organizador do Núcleo de Estudos, Documentação e Dados sobre Trabalho e Educação. Além de pesquisador do CNPq, integra o Conselho Latino-Americano de Ciências Sociais, onde atua como coordenador do Grupo de Estudo sobre Educação, Trabalho e Exclusão Social. É doutor e mestre em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e Fundação Getúlio Vargas do Rio de Janeiro, respectivamente. Tem licenciatura e bacharelado em Filosofia na Fundação de Integração, Desenvolvimento e Educação do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (Fidene) - Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (Unijuí). Possui diversos livros publicados, entre os quais, **Teoria e Educação no Labirinto do Capital** e **Educação, crise do trabalho assalariado e do desenvolvimento: Teorias em conflito** (ambos pela Editora Vozes, de Petrópolis). Nos últimos 20 anos, orientou mais de 100 dissertações e teses. Confira a seguir a entrevista concedida pelo professor, por e-mail, ao **IHU On-Line**.*

IHU On-Line- Qual é sua avaliação geral do III FME? Qual acha que foi o principal avanço e qual a principal limitação?

Gaudêncio Frigotto- O III Fórum Mundial de Educação em si é um acontecimento extraordinariamente positivo. Mais de 40 países presentes e aproximadamente 24 mil educadores. Representa uma contraposição ao processo avassalador de mercantilização dos direitos sociais, dentre eles, o da educação. Trata-se de um espaço que vem consolidando uma outra concepção de educação centrada na perspectiva das múltiplas necessidades humanas. Como bem sinalizou na conferência de abertura Istvan Mészáros⁶, uma coisa é construir o projeto educacional instrumentalista, pragmático e funcional ao metabolismo do capital, e outra, um projeto educativo que se articule com as necessidades dos trabalhadores livremente associados. Afirmar a educação, formadora de sujeitos autônomos e protagonistas de novas

⁵ John Donne (1572-1631) Poeta inglês e clérigo anglicano. (Nota do **IHU On-Line**)

⁶ Istvan Mészáros Professor emérito da Universidade de Sussex, na Inglaterra, é um dos principais pensadores marxistas da atualidade. Mészáros foi um dos conferencistas na abertura do III FME, no dia 28 de julho, com a conferência *Educação para Além do Capital*. Istvan Mészáros é autor dos livros, entre outros, **de Para além do capital. Rumo a uma teoria da transição**, Campinas- São Paulo: Editora da Unicamp – Boitempo, 2002 e do recém traduzido **Poder da ideologia**. São Paulo: Boitempo, 2004 (Nota do **IHU On-Line**).

relações sociais, foi, sem dúvida um dos avanços significativos do III Fórum Mundial de Educação. Em termos de limites, podemos assinalar a dificuldade de traduzir em pautas de ação concreta em cada realidade específica, especialmente porque a ideologia dominante é da mercantilização da educação. É emblemático o espaço que deu a grande imprensa ao Fórum. O jornal **Zero Hora**, praticamente ignorou o evento, mas não só, a **Folha de S. Paulo**, **O Estado de S. Paulo**, **O Globo**, **Jornal do Brasil**, para citar os mais importantes, quando deram foram notas marginais.

IHU On-Line- Qual é o principal perigo que a sociedade capitalista apresenta à educação? Quais as principais contradições na contemporaneidade capitalista entre educação e mundo do trabalho?

Gaudêncio Frigotto- Vários autores contemporâneos nos falam do “capitalismo tardio” para designar uma realidade histórica em que este sistema pouco ou nada tem a oferecer à humanidade no seu processo civilizatório. Para manter-se o sistema capitalista vão-se destruindo, um a um, os direitos historicamente conquistados. Saúde, educação, cultura, lazer, trabalho transformam-se de direitos em serviços ou mercadorias que compra quem pode. Esse é o resultado das políticas ultraliberais ou mais conhecidas como neoliberais. Não é por acaso que os balizadores das políticas educacionais são hoje o Banco Mundial e a Organização Mundial do Comércio. Uma das contradições mais agudas é que não só já não basta ter uma boa escolaridade para ter possibilidade de um trabalho digno, mas tem havido um aumento generalizado de escolaridade com aumento brutal de desemprego ou empregos com níveis ínfimos de remuneração. Por isso vem aumentando significativamente a relação entre o número de pobres para cada rico no mundo.

IHU On-Line- Como o senhor analisa o discurso da necessidade de qualificação profissional como causa direta do desemprego?

Gaudêncio Frigotto- A relação direta da educação ou qualificação profissional com o emprego encobre-se de um discurso falacioso e cínico. A escola ou programas de formação profissional, por si, não criam emprego. Ou seja, a boa escolaridade e a qualificação profissional são desejáveis e se constituem numa razão importante, mas não suficiente. As noções ideológicas de empregabilidade e da pedagogia das competências expressam este cinismo. Apaga-se da memória social a idéia de direito ao emprego. Direito vinculado a um contrato social. Desloca-se a responsabilidade do emprego ao indivíduo, numa sociedade com profunda concentração de capital e riqueza e da ciência e tecnologia. Sem uma sociedade que reduza drasticamente a jornada de trabalho e com políticas de garantia de emprego e renda, o discurso da profissionalização é falso e mentiroso. No caso brasileiro, só um projeto de desenvolvimento com ampla inclusão das massas populares e sob seu controle poderá efetivar as reformas de base e políticas de geração de emprego e renda. Isso implica um protagonismo cada vez maior da esfera pública, pois o mercado, em vez de empregar, substitui braços por máquinas. Quantos são os bancários desempregados pela automação dos bancos? A automação do campo não gerou 4 milhões de famílias sem emprego, sem teto e sem terra? E onde estão os metalúrgicos da década de 1970?

IHU On-Line- Poderia desenvolver o conceito de "senso de travessia", apontado pelo senhor como necessário durante sua fala no III FME?

Gaudêncio Frigotto- Transitar de uma sociedade injusta, desigual, concentradora de capital e renda para uma sociedade democrática ou socialista é um percurso tortuoso, repleto de embates e lutas. Uma travessia longa. Os Fóruns Sociais Mundiais e os Fóruns Mundiais de

Educação são espaços para pensar essa travessia numa escala internacional. Trata-se de pautar as concepções de sociedade e de educação que se quer afirmar e definir as pautas de embate e luta. O capitalismo selvagem, cada vez mais predatório e mutilador da vida, não acaba por si. É de dentro de suas contradições que podemos construir a alternativa socialista. A idéia de "senso da travessia" é justamente para chamar a atenção que o novo não vem do novo, mas da materialidade contraditória das relações capitalistas, no plano da teoria e da práxis. Isso nos instiga a perceber as contradições do sistema capitalista e, ao mesmo tempo, evitar uma perspectiva centrada nas antinomias ou do tudo ou nada. O desafio, na travessia, é identificar as mudanças que ajudam a enfraquecer as relações capitalistas das transformações que mudam para conservar. No campo da educação e das reformas sociais, o exemplo mais auspicioso de luta para mudar a natureza da educação, das relações de produção no campo, etc., é o Movimento Sem Terra (MST), por isso é um movimento demonizado pelas classes dominantes e por setores conservadores da sociedade.

IHU On-Line- Como o senhor descreveria a situação atual da educação em relação aos conteúdos? O que está sendo transmitido hoje pela educação?

Gaudêncio Frigotto- Por dois caminhos diversos, os conteúdos escolares vêm sendo esvaziados do seu sentido histórico. Por um lado, as perspectivas neoliberais reativam de forma mórbida o ideário da fragmentação, do pragmatismo e do consumismo. A pedagogia das competências, o ensino modular tão fortemente presentes hoje nas reformas curriculares pautadas pelos organismos internacionais que buscam tornar seguro o capital, expressam a morbidez da fragmentação, o pragmatismo e o consumismo. Por outro lado, as perspectivas do pós-modernismo reafirmam a descontinuidade, o presentismo, o particularismo, traços, como bem lembra Frederic Jameson⁷, do "capitalismo tardio". Por essa via cai-se num relativismo em que qualquer conteúdo vale. Na prática, essas duas perspectivas desembocam em práticas educativas vazias de conteúdo científico histórico que levam ao conformismo. Uma produção de cidadãos alienados, cidadãos mínimos ou, como lembrava Milton Santos⁸, deficientes cívicos. Este duplo esvaziamento é, sobretudo, pernicioso para as classes populares para as quais a escola ainda é o principal lócus de acesso ao conhecimento. Uma escola que não prepara nem para a vida, nem para os múltiplos desafios do mundo do trabalho e, menos ainda, para serem cidadãos ativos e protagonistas da transformação da sociedade.

IHU On-Line- Que caminhos são urgentes abrir ou consolidar nas práticas educativas e nos sistemas educativos do mundo, na atualidade?

Gaudêncio Frigotto- Uma das questões cruciais é relacionar, de forma orgânica, a estrutura social com as concepções e práticas educativas. Para poder democratizar a educação, o conhecimento dentro de uma perspectiva solidária, cooperativa e de justiça social temos que lutar para construir sociedades solidárias, democráticas e justas. Essa não é a perspectiva do capitalismo. Trata-se, pois, ao mesmo tempo, de lutar por um "outro mundo possível" com

⁷ JAMESON, Fredric. Pós- modernismo: *A Lógica Cultural do Capitalismo Tardio*. São Paulo: Ática, 1997. (Nota do *IHU On-Line*).

⁸ O geógrafo Milton Santos foi um dos pensadores brasileiros mais respeitados em sua área. Em 1994, ele recebeu o Prêmio Internacional de Geografia Vautrin Lud, na França, uma espécie de Nobel da Geografia. Santos exerceu boa parte da carreira acadêmica no exterior (França, Canadá, EUA, Peru, Venezuela etc.). Foi professor emérito da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, tendo falecido em 2001. Santos publicou mais de 40 livros e 300 artigos em revistas especializadas. A Editora Unesp acaba de publicar o livro SANTOS, Milton. **1926-2001. Testamento Intelectual/Milton Santos**; entrevistado por Jesus de Paula Assis; colaboração de Maria Encarnação Sposito. São Paulo: UNESP, 2004. (Nota do *IHU On-Line*).

novas perspectivas de sociedade e de educação. O gérmen dessas mudanças está presente em todo o mundo, nos múltiplos movimentos e lutas sociais e nas propostas de governos locais, regionais ou nacionais que centram suas políticas não nas necessidades do mercado do capital, mas dos trabalhadores, das classes populares. Essas mudanças, como nos assinala o historiador Eric Hobsbawm⁹ que se anunciam para o século XXI, deverão ter como protagonista a esfera pública, o estado, ainda que não o estado do presente, mas sim um estado radicalmente democrático. O Orçamento Participativo, desenvolvido em algumas gestões populares, sinaliza esta direção, assim como as perspectivas educativas destas gestões em diferentes partes do Brasil.

[\(Voltar ao índice\)](#)

"NINGUÉM ENSINA NADA A NINGUÉM. APRENDEMOS JUNTOS"

Entrevista com Moacir Gadotti

O diretor do Colegiado da Sede Central do Instituto Paulo Freire, em São Paulo, e professor da USP, Moacir Gadotti participou do Fórum Mundial de Educação e concedeu uma entrevista por telefone ao IHU On-Line sobre o assunto. Licenciado em Pedagogia e em Filosofia, Gadotti fez mestrado em Filosofia da Educação na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, o doutorado em Ciências da Educação na Universidade de Genebra, na Suíça, e a livre docência na Universidade Estadual de Campinas.

*Entre seus livros publicados destacam-se: **A educação contra a educação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981; **Pensamento pedagógico brasileiro**. 7ª ed. São Paulo: Ática, 2000; **Convite à leitura de Paulo Freire**. 2ª ed. São Paulo: Scipione, 1992; **Escola cidadã**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Cortez, 1999; **História das idéias pedagógicas**. 6ª edição. São Paulo: Ática, 1998; **Pedagogia da Práxis**. Rio de Janeiro: Cortez, 1995; **Paulo Freire: uma biobibliografia**. 1996; **Perspectivas Atuais da Educação**. Porto Alegre: Artmed, 2000; **Pedagogia da Terra**. São Paulo: Peirópolis, 2000; **Um legado de esperança**. Rio de Janeiro: Cortez, 2001; e **Os Mestres de Rousseau**. Rio de Janeiro: Cortez, 2004.*

IHU On-Line - Quais os pontos que o senhor vê como avanço e como limitação do III Fórum Mundial de Educação?

Moacir Gadotti - A terceira edição do Fórum Mundial de Educação (FME) teve uma novidade e também um avanço considerável. A novidade é que, embora ele tenha nascido dentro do Fórum Social Mundial (FSM), dessa vez os participantes assumiram realmente um vínculo orgânico com ele, para podermos reforçar suas teses e suas lutas. Independente de se realizar separadamente, o FME deve ter uma presença forte no FSM, inclusive no conselho, para que a educação tenha nele um espaço privilegiado, porque os vários direitos humanos só serão conquistados na medida em que também o direito à educação seja garantido. Um avanço importante é que, nas duas edições anteriores, sobretudo nos princípios, afirmamos certas posições, demarcamos um certo campo de atuação, com duas cartas. Desta vez, nós trabalhamos com uma estrutura mais internacional, para fortalecer o conselho internacional, a

⁹ Eric Hobsbawm é um dos mais exímios e respeitados historiadores marxistas do século XX. Autor de inúmeros livros entre os quais **A Era dos Extremos** (São Paulo: Companhia das Letras, 1995), **A Era do Capital** (Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982), **A Era das Revoluções** (Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982), **A Era dos Impérios** (Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988), **Bandidos** (Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1976); e o mais recente, sua autobiografia, **Tempos Interessantes: uma vida no século XX**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002 (Nota do **IHU On-Line**).

secretaria internacional e a participação dos fóruns regionais. Então, como vamos estar muito mais próximos, organicamente vinculados ao Fórum Social Mundial, também adotamos a mesma estrutura, em que, atualmente, o FSM também descentraliza os eventos, para que muita gente de outros países não fique limitada a Porto Alegre, ou ao Brasil, mas que seja mundial. Esse caráter mundial foi muito realçado e se traduziu para uma estrutura em que se valorizam muito os encontros, os fóruns regionais, nacionais, locais, etc.

IHU On-Line- Em relação à agenda de lutas traçadas no III FME, quais o senhor destacaria?

Moacir Gadotti- Primeiro partimos do direito universal à educação, ou seja, todos têm direito inalienável à educação e portanto devemos intransigentemente lutar para que a educação seja um direito de todos. Essa é uma luta clássica, mas, nesse momento, a mercantilização da educação, sobretudo por meio dos acordos de ajuste estrutural que dificultam muito as políticas nacionais, tratados como o da Organização Mundial do Comércio (OMC). O acordo de comércio e serviços da OMC estabelece a educação como uma mercadoria. Então a desmercantilização da educação é uma luta importante. Não basta que o acesso e a permanência da criança de 7 a 14 anos na escola estejam garantidos. Nós precisamos garantir que o aluno aprenda, ele tem o direito de aprender. Isso é uma coisa nova e motivada pelo fato de, por exemplo, termos aumentado no Brasil, nos últimos 7 ou 8 anos, o número de dias letivos de 180 para 200 dias, mesmo assim a aprendizagem piorou.

IHU On-Line – Quais as tensões mais importantes existentes ou mais identificadas dentro do III FME?

Moacir Gadotti - Em primeiro lugar, as tensões são sempre bem-vindas. Os conflitos fazem parte da natureza do ser humano e das organizações. Estamos numa fase de criação do caráter do Fórum, do formato do Fórum. É um movimento novo. Nós participamos do Conselho Internacional do FSM como Instituto Paulo Freire, e eu sempre tenho sustentado o seguinte: não tem que ter pressa em definir. Se definimos o caráter dos fóruns com muita pressa, vamos cair na mesmice. É um movimento novo, jovem, fértil. E a grande novidade é que ele não está reproduzindo a lógica do poder, do jeito que os sindicatos, partidos, governos, parlamentos, poder judiciário, essa democracia clássica o está fazendo. É uma nova democracia que está aparecendo, é um conceito novo que talvez não seja nem a democracia. Claro que não é o contrário. Boaventura de Souza Santos o chama de democracia de alta intensidade. Ela é de baixa intensidade quando não há representação, quando a democracia é só representativa e não direta. Nesse caso, é claro que temos concepções diferentes. Se alguém ler o livro do John Holloway¹⁰, *Mudar o mundo sem tomar o poder*, vai ver que ele se opõe de certa forma até àquela idéia de Boaventura de Souza Santos, de democracia radical. Ele estaria mais próximo do Hardt e do Negri¹¹, nesse sentido. Eu acho que não se deve definir agora. Devemos aprofundar a discussão, o debate e as diferentes posições. Não precisamos ter pressa. Temos que mudar o mundo, esse é o nosso objetivo. Porque esse mundo é inviável. O mundo que nós temos é insustentável, é tudo que de pior existe. Estamos vivendo o pior mundo possível, que é

¹⁰ O entrevistado refere-se ao livro *Mudar o mundo sem tomar o poder*. John Holloway, São Paulo: Ed. Viramundo, 2003. Esse livro foi resenhado por Cesar Sanson na 104ª edição do *IHU On-Line*, de 7 de junho de 2004. *IHU On-Line* entrevistou John Holloway na 89ª edição, de 12 de janeiro de 2004 (Nota do *IHU On-Line*).

¹¹ Michael Hardt e Antônio Negri, autores do livro *Império* (Rio de Janeiro: Record, 2001), acabam de lançar a obra *Multitude. War and Democracy in the Age of Empire* (Multidão. Guerra e Democracia na Era do Império. New York: Penguin Press, 2004). Sobre esse livro, conferir artigo na 109ª edição do *IHU On-Line*, de 2 de agosto de 2004. *IHU On-Line* entrevistou Michael Hardt na 89ª edição, de 12 de janeiro de 2004 (Nota do *IHU On-Line*).

o mundo da guerra, da violência, da intervenção, em que todos os valores estão sendo quebrados. Os americanos estão dando um péssimo exemplo de democracia. Se depender da democracia americana, ninguém mais vai querer saber de democracia, porque não é isso que é democracia na concepção emancipadora de democracia que temos. O debate é importante. Nós temos dois pontos em comum, tanto o FSM quanto o FME: um é que não queremos o neoliberalismo como proposta de futuro. O neoliberalismo é injusto, é insustentável, é o nosso inimigo; e o outro é que também não queremos que a resposta seja única ao neoliberalismo, mas que haja diversidade. Na medida em que nós tenhamos propostas concretas, a concepção dos fóruns vai nascer.

IHU On-Line- Qual poderia ser uma proposta concreta que deva ser levada a cabo?

Moacir Gadotti- Um exemplo: nós devemos retomar com força a taxa Tobin, que é a taxa sobre as transações financeiras, entre as bolsas do mundo inteiro. A ATTAC [Associação para a Taxação De Transações Financeiras para Ajuda ao Cidadão]¹² foi uma das primeiras instituições que a colocou como proposta. Temos que retomar isso como proposta para ter algum dinheiro que sirva para minimizar as diferenças de renda no mundo. O Fórum Mundial de Educação Criança propôs aqui em São Paulo que o resultado dessa taxa, o dinheiro seja distribuído por um “orçamento participativo criança mundial”, já que são as crianças que vão usufruir mais do futuro, deste outro mundo possível, que elas já definem, claro que não sozinhas. Que se faça com elas um imenso Fórum Mundial, um “orçamento participativo criança” no mundo, que defina essas prioridades. As crianças podem não estar tão contaminadas quanto os adultos das suas prioridades. Então elas poderão enxergar e indicar um caminho melhor, tendo foco na criança. São propostas concretas. Na medida em que nós implementarmos essas lutas, por isso que avançamos numa agenda de lutas, nós poderemos, com certeza, elaborar essa concepção. Ela não deve nascer antes da ação, da luta. Mas a luta é pedagógica, ela nos ensina o caminho a percorrer, porque a luta nos obriga a perguntar e o que indica o caminho é a pergunta.

IHU On-Line - Na mesa de que o senhor participou sobre Juventude, educação e democracia, que pontos assinalaria como os mais interessantes vindos da sua e das diversas participações sobre o tema?

Moacir Gadotti - Houve várias intervenções. Joyce King realçou a questão das diferenças de juventude entre os negros e os brancos. Temos que trabalhar, na escola sobretudo, mostrando as diferenças e aprender a trabalhar com elas. Já que a juventude é uma fase da vida, e essa fase é perpassada pela classe, pelo gênero, pela questão ética, cultural, etc., é uma das lições que se pode tirar da importância de se trabalhar com as diferenças. Segundo, a importância de ouvir o jovem, do adulto não impor a sua experiência de vida não querendo que o jovem repita a experiência de vida dele. Ele tem que escutar o jovem, aprender com ele, foi uma lição que eu tirei com esse debate. Aprender com o jovem é importante. Podemos até depois não concordar. Como adultos, nós temos uma opinião formada, podemos relatar nossa experiência, mas não impô-la, não apresentá-la como modelo. Isso a Maria Benites¹³ realçou bem. Gravei bem a fala dela dizendo "nós não podemos impor. Fazemos nossa experiência, apresentamos nossa

¹² Do Canadá à Finlândia, da França à Inglaterra ou à Nova Zelândia, diversas organizações importantes lutam hoje por uma taxa dos movimentos de capitais de caráter especulativo – ou seja, pela taxa Tobin, do nome do economista que a propôs em 1971. Ela tornou-se muito importante quando os movimentos sociais e de cidadãos ergueram essa bandeira na França, com a constituição da ATTAC. (Nota do *IHU On-Line*)

¹³ Confira a entrevista acima, publicada neste boletim. (Nota do *IHU On-Line*).

experiência, mas não vamos impor". Bernard Charlot fez todo um trabalho sobre a história da juventude, mostrou o conceito de juventude, mas sobretudo de democracia. Uma visão bem francesa de prezar muito essa questão da democracia, inclusive para realçar a sua importância, porque o jovem tem sérias dúvidas sobre o valor da democracia.

***IHU On-Line* - Qual é o conceito de educação hoje? É necessário ressignificar esse conceito de educação?**

Moacir Gadotti - Esse foi um debate muito grande no Conselho Internacional. O Fórum Mundial de Educação tem que saber que tipo de educação quer. Na primeira edição do evento, insistimos muito na educação popular; na segunda, na educação cidadã e na cidade educadora; e na terceira, voltamos ao clássico elemento da educação emancipadora. Emancipar vem de "tirar as mãos de", porque aí se acha o aspecto mais importante de hoje que é o da autonomia. A educação não é aquela que "bota as mãos em", que conduz, mas aquela que "retira as mãos de", que emancipa, torna as pessoas mais autônomas. Essa autonomia vai contra o conceito de educação nacional, o caráter nacional das coisas conduziu para a uniformização. O que é bonito nos fóruns é que eles mostram a beleza das diferenças, conceitos e identidades em movimento, não identidades fixadas para sempre. Nós não conseguimos pensar muito, é difícil pensar com uma nova lógica. É uma educação baseada numa nova lógica, que não é a lógica da hierarquia, de cima para baixo ou de baixo para cima, mas a da rede, do pensar em rede, de forma mais autônoma, mas não significa individualista. Para alguns pensar autonomamente é fazê-lo individualista. Não. É pensar em grupos, em tribos. No cotidiano mais próximo, escutar a tribo, a comunidade. Nós temos aqui no Instituto Paulo Freire a comunidade freiriana. Hoje há esses *orkuts*, esse fenômeno extraordinário dos últimos três, quatro meses, reuniu milhões de jovens. Os *orkuts* são comunidades de jovens organizadas em torno de um tema em que um indica outro por amizade, daí a força disso. Temos tanta coisa a mudar na educação, nesse sentido, sobretudo que nós não ensinamos nada a ninguém. Paulo Freire já dizia isso, ninguém ensina nada a ninguém, aprendemos juntos. Conseguir legalizar isso em educação é um sonho, é o que o Paulo Freire defendia. Ele é o grande educador do futuro, desse século. Ele já nos indicou o caminho. Faltaria tirar mais lições dessa obra maravilhosa. É o educador em rede, o que educa escutando. Não há muito mistério. Às vezes, tomamos o conceito clássico de educação: geração antiga influencia a geração nova. Temos que rediscutir o próprio conceito de educação. E pôr em questão todas nossas estruturas educacionais nesse sentido, porque elas estão dentro de uma outra lógica. Vai ser difícil mudar a lógica da hierarquia, do professor sobre os alunos, diretor sobre os professores. É por isso que, quando se abre um espaço, por exemplo, para a criança falar como no orçamento participativo criança, a escola se renova inteiramente, ela consegue pensar numa outra lógica. É difícil fazer isso, mas é possível e necessário.

***IHU On-Line* - Olhando a situação que estamos vivendo no Brasil, qual seria a principal dificuldade da prática educativa?**

Moacir Gadotti - Uma das coisas que eu tenho debatido muito é a questão das relações burocráticas de poder, que minam até conquistas importantes como conselho de escola, representações, eleições, escolhas democráticas. Quando uma coisa tão bonita quanto a eleição, a escolha de um dirigente, é minada pela burocracia, e as relações humanas são substituídas pelas relações burocráticas, tudo está perdido na educação. O espírito é importante. O mesmo acontece com os partidos, os sindicatos, eles não têm sentido se não têm causa. A causa que é importante, são as relações humanas. Temos que trabalhar com a questão da dignidade do ser humano, centrar no ser humano, não nas relações hierárquicas e

burocráticas. Ainda pensamos a democracia sempre como relações institucionalizadas, e criamos pesados mecanismos de gestão democrática, quando, na verdade, esquecemos as relações. O pior câncer é a falta de sentido para as coisas que estamos fazendo, inclusive para a democracia, porque, então, perdemos a crença numa coisa importante. Estou muito preocupado hoje em dia com isso.

IHU On-Line - Quando o senhor fala em democracia, está pensando num nível mais que institucional?

Moacir Gadotti - Acho que em vínculos e relações com as pessoas. A pessoa tem que ser valorizada dentro de uma democracia. O ser humano, a dignidade do ser humano. Ele vira número também, uma estatística. É fácil ver quando a gente vê uma estatística sobre 50 mil mortos no trânsito só em São Paulo por ano, vira estatística. Mas quando o meu irmão morreu no trânsito, aí ele é um irmão. Nós não enxergamos a estatística dos 50 mil da mesma forma que enxergamos um ente querido da família. É a desconsideração para com o ser humano. É uma nova forma de encarar as instituições democráticas, o que nós alcançamos até agora, e ver o ser humano. Estamos, nesse sentido, nos emaranhando na burocracia, em que a justiça não se faz muitas vezes porque a burocracia tem mais espaço do que o ser humano. É algo que precisa ser bastante trabalhada. E sobretudo relações mais transparentes, temos que trabalhar com transparência. Acho que há muita luta interna de poder nas instituições. Tem gente que luta a vida inteira pelo poder e, quando chega a ele, percebe que não tem o poder de transformar. Essa luta interna em todas as instituições, universidades também, se pensa menos no sentido das coisas e muito mais na luta interna, para querer o poder pensando que ele vai mudar as pessoas. O papel da educação é emancipar as pessoas.

[\(Voltar ao índice\)](#)

A UNISINOS E O III FÓRUM MUNDIAL DE EDUCAÇÃO

IHU On-Line convidou a alguns membros da comunidade universitária da Unisinos que participaram do III Fórum Mundial de Educação, em Porto Alegre, a prestarem um breve depoimento com suas impressões sobre o evento. A seguir, publicamos os breves artigos que nos foram enviados por e-mail. Agradecemos a todos que nos remeteram sua opinião no sentido de colaborar com o debate da presente edição.

PORTO ALEGRE, POR DUAS SEMANAS, CAPITAL DO MUNDO?!

O depoimento a seguir é do Prof. Dr. Euclides Redin, mestre em Educação, doutor em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano, professor no PPG em Educação da Unisinos e representante da Unisinos na comissão de coordenação do III Fórum Mundial de Educação. **IHU On-Line** entrevistou Euclides Redin na 48ª edição, de janeiro de 2003, a respeito dos principais desafios da universidade e sobre a participação da Unisinos no II Fórum Mundial de Educação.

Porto Alegre, por duas semanas, capital do mundo?! Se capital é o lugar para onde convergem as maiores atenções, sim. Se capital é o lugar onde se tornam as decisões mais importantes, com certeza não. Mesmo porque os congressos e os fóruns são espaços de discussões

políticas, e não de decisões políticas públicas – estas se darão nos parlamentos e nos estados ou nos órgãos representativas de caráter mundial.

O Fórum Mundial de Educação se constituiu no evento mais importante de discussões políticas do mundo, de todos os tempos. Evento nenhum uniu tantos educadores, estudantes, intelectuais, movimentos sociais como os três Fóruns Mundiais de Educação, realizados em Porto Alegre (2001, 2003, 2004); em 2004 superando todas as expectativas.

A Unisinos, desde o 1º Fórum, faz parte do Comitê de Organização, juntamente com mais de uma centena de outras entidades públicas e particulares de diversas partes do mundo. Disso, talvez, depende o sucesso da participação nas três edições do mesmo.

Mais que “cartas” dos Fóruns, estes eventos servem para reunir gente de todas as tendências, de todas as realidades, de todas as regiões políticas e culturais, de todas as diversidades... Os mais diversos temas são explanados, os mais diversos discursos e urgências são discutidos, as mais diversas denúncias são explicitadas: pode se construir uma consciência mundial a respeito de questões que podem não ser comuns a todos, mas são uma convocação para a solidariedade e a luta por horizontes comuns que são os da cidadania, da democracia radical, da dignidade e da paz possíveis, a seu modo, em todos os povos.

O objetivo do III Fórum foi construir uma “plataforma mundial de lutas”, que, evidentemente, não poderia ser homogênea – como de fato não o foi. A questão permanece: é possível uma plataforma mundial única para tanta riqueza e diversidades? O risco é ser um documento que se constitua como uma carta de intenções tão vaga e tão ampla que se torne inviável e inútil. Além disso, um documento que não passe pela elaboração participativa e pela aprovação universal da assembléia, necessariamente vai conter as opções privilegiadas da comissão de elaboração da carta, como foram as três cartas dos três fóruns...¹⁴

Apesar desta impossibilidade prática, é fundamental manter esquemas de reunir todos aqueles que lutam pela mesma causa para que a energia que os anima contagie e provoque a emergência de novas energias e não nos deixe desanimar.

É proibido desistir!

“O ATO EDUCATIVO CARREGA EM SI O COMPARTILHAMENTO ENTRE EDUCADORES”

*Para o prof. MS Solon Eduardo Annes Viola o que o Fórum indica é o esforço universal dos educadores e educandos que não se limita aos projetos nascidos em gabinetes. Solon Viola é graduado e mestre em História, doutorando em Ciências Sociais Aplicadas na Unisinos e professor nas Ciências Humanas da Universidade. O professor apresentou, no dia 19 de maio de 2004, durante o evento **Abrindo o Livro**, o livro **A Nova política de classes**, de Klaus Eder.*

“O Fórum Mundial da Educação reuniu mais de 20 mil professores de várias partes do mundo, preocupados em produzir questões e procurar respostas para um dos temas mais candentes desse início do século, ou seja, 'o que é educar e para que educar'. Essas perguntas são o que de mais importante aconteceu. Nelas se situam as dúvidas e as perplexidades que percorrem o universo cultural de educadores e educandos e, de alguma forma, de todos aqueles que, preocupados com o destino da humanidade e do planeta, se deparam com as imensas

¹⁴ O Comitê Organizador do III FME solicitou dos 19 grupos temáticos dos trabalhos apresentados, na modalidade de pôsteres, que apresentassem a plataforma de luta dos participantes do grupo temático. O grupo temático “Educação e Mídia”, coordenado pela Unisinos, com 37 trabalhos apresentados, fez, em assembléia no final do dia, sua carta de lutas. Nada foi aproveitado na plataforma final do Fórum. (Nota do professor)

desigualdades sociais que as últimas décadas de predomínio do capital financeiro e do pensamento único só fizeram aumentar.

As grandes conferências e as mesas de debates percorreram um roteiro de inquietações orientadas sempre pela perspectiva da participação e da busca de alternativas, capazes de fazer com que a humanidade encontre caminhos de justiça, sem abdicar das lutas indispensáveis para a conquista da igualdade na multiplicidade e da paz nascida do respeito a que cada cultura tem direito e que garante a cada indivíduo uma vida feita de dignidade ética.

A contribuição do Fórum por certo foi além. Os múltiplos painéis e as exposições dos pôsteres demonstraram que a procura por novos caminhos já se torna plena de experiências e projetos cuja tônica principal está ligada à compreensão de que o ato educativo carrega em si o compartilhamento entre educadores, educandos e a sociedade. Enfim é no interior da sociedade em que ambos vivem seus cotidianos com projetos que, sendo individuais são, também, coletivos e universais, se realizam os atos educativos que formam não só as novas gerações, mas também os professores que com elas trabalham.

O que o Fórum indica é que esse esforço universal dos educadores e dos educandos não pode se limitar aos projetos nascidos em gabinetes de organismos internacionais, financeiros ou não, e mesmo a gabinetes dos diferentes estados nacionais. Ao contrário, as análises e propostas pressupõem a sociedade civil como origem e benefício dos caminhos que os projetos educacionais devem percorrer em busca de um conhecimento que seja feito para a paz, a justiça social e um aprofundado senso ético.

Assim os indicadores demonstram que para os participantes do Fórum mais do que os saberes específicos de cada currículo trata-se de recuperar projetos que possibilitem à humanidade realizar suas potencialidades a partir dos processos de aprendizagem que já fomos capazes de criar".

PRECISAMOS NOS DESAFIAR A PENSAR A EDUCAÇÃO

Para o Prof. Dr. Jaime José Zitkoski, a educação deve ser pensada numa perspectiva humanizadora da sociedade. Zitkoski é graduado e mestre em Filosofia, doutor em Educação e professor do PPG em Educação da Unisinos.

"Fico feliz pela oportunidade de participar do III FME, realizado em POA, de 28 a 31 de julho último. A importância e a dimensão do evento são reconhecidas por todos e a possibilidade de discutir experiências e alternativas na educação e interagir com lideranças, pesquisadores e militantes engajados nas lutas por uma sociedade melhor foi algo muito gratificante para mim.

A educação, a meu ver, não pode continuar sendo vista apenas pelas instituições formais, que tradicionalmente têm ocupado os espaços e assumido para si a responsabilidade por uma importante dimensão da vida humana em sociedade. Precisamos nos desafiar a pensar a educação sob uma perspectiva humanizadora da sociedade e, para isso, todos os setores sociais, em suas diferentes formas de se organizar, têm a co-responsabilidade para construir plataformas de lutas em prol de uma educação de qualidade e existencialmente significativa para todos.

A temática que mais me despertou atenção foi sobre as Cidades Educadoras que despontam hoje como uma perspectiva para repensar nossa existência em sociedade. Tudo pode ser educativo ou deseducativo na cidade. Mas, para que o viés educativo seja a perspectiva predominante na vida de uma cidade, deve haver vontade política do poder local e estímulo de políticas públicas coerentes, convergindo para um projeto de cidade culta, solidária, pacífica e humanizada.

A universidade tem o seu papel nesse processo: estimular pesquisas e dar suporte científico para projetos que buscam concretizar essa utopia de uma cidade humanizada e feliz. O conhecimento científico só tem sentido se contribuir para a realização de mais vidas humanas. Então, a academia deve estar inserida na realidade e voltada para as questões sociais mais prementes da atualidade. As cidades nos desafiam a repensar nossas instituições, inclusive a universidade”.

EDUCAÇÃO, SOLIDARIEDADE E PAZ

Para a Profª. MS Denise Galeazzi, a educação deve trazer como conseqüências culturais e políticas, a paz e a solidariedade. Graduada em Filosofia, Galeazzi é mestre em Educação e professora nas Ciências Humanas da Unisinos.

“Participar do Fórum Mundial de Educação, ao mesmo tempo que me deixa feliz, pois considero um momento ímpar de aprendizado, me *atordoa*, na medida em que gostaria de ser muitas para poder acompanhar tudo o que acontece: conferências, depoimentos, pôsteres, debates temáticos, atividades autogestionadas, atividades culturais, acrescidas das conversas com amigos nas surpresas dos reencontros inesperados... A decisão de *o que acompanhar*, participar de *qual debate* me leva a dilemas insolúveis, pois sei que, por melhor opção que faça, estou deixando de participar de outros momentos de muita riqueza. Debater, refletir, problematizar as questões da educação a partir de muitos e de diferentes lugares, não só geográficos, mas epistemológicos, políticos, culturais, possibilitou aos educadores que participaram do Fórum, ampliar a análise da educação “necessária para a criação de um outro mundo possível”, vislumbrando outras perspectivas. Muito mais do que dar respostas constituiu-se em um momento privilegiado de formulação de novas perguntas, como a suscitada por Emir Sader, em sua fala: “Se o conhecimento não serve para inserir os homens (e as mulheres, acrescento) de forma consciente na sociedade, para que serve, então?” entre tantas outras, como “Qual o compromisso da educação com a solidariedade e a paz? Quais as conseqüências políticas e culturais da mercantilização do estado e da lógica de mercado que visa a transformar a educação em serviço, retirando-a do campo dos direitos sociais, tão duramente conquistados historicamente? A concepção de “público” está se mercantilizando... Por outro lado, espanta-me a forma como este evento, como a maior parte das questões educacionais positivas, vem sendo tratado pelos principais meios de comunicação de nosso Estado e do País. Se fizemos um levantamento do espaço ocupado com entrevistas, fotos, análises do que ocorreu no Fórum Mundial de Educação na semana de sua realização, poderíamos dizer que ele aconteceu, aqui, em Porto Alegre? Ironicamente, o Fórum Universal de Culturas de Barcelona (diga-se de passagem, inspirado, segundo um de seus idealizadores, no Fórum Social Mundial de Porto Alegre) recebeu um belo caderno editado por nove grandes jornais de referência da América Latina. Iniciativa importante e elogiável. E o Fórum Mundial de Educação? Por que não? Este é um dos principais sintomas políticos que revela os reais interesses de nossas elites.

CIDADE EDUCADORA

A estudante Juliana Dresch, aluna do curso de Pedagogia da Unisinos e bolsista no PPG em Educação da Universidade, destaca a idéia de Cidade Educadora que apresenta um grande desafio político para as autoridades locais e a sociedade civil.

“De 28 a 31 de julho, tive o privilégio de estar reunida com milhares de educadores e educadoras, vindos de todos os cantos do mundo, na cidade de Porto Alegre, para discutirmos e trocarmos experiências sobre quais são os desafios e perspectivas na área da educação para um mundo melhor. Participei das temáticas sobre cidades educadoras, pois foi a que mais me interessou, por acreditar ser aquelas que apresentam maior desafio na área da educação. A escola sozinha não pode resolver todos os problemas da sociedade, como a violência, o desemprego, a miséria. Nesse sentido, nas políticas públicas do município, todas as secretarias devem criar projetos na perspectiva da construção de uma cidade melhor e mais humana de se viver. Assim a Secretaria de Educação não pode assumir e ser responsável sozinha pela educação. Ela deve contar com todas as demais secretarias da cidade, numa lógica de que todos os espaços devem ser educativos, desenvolvendo projetos e atividades em comum, concretizando um compromisso ativo com a população e o fortalecimento de uma sociedade democrática, aberta às mudanças e à participação.

A Cidade Educadora apresenta um grande desafio político para as autoridades locais e a sociedade civil, que apostam em um compromisso de administração inovadora. Desta maneira, o papel educativo das instituições políticas passa a ser o de promover uma conscientização solidária e democrática na reinvenção da cidadania, buscando fortalecer os processos culturais emancipatórios. Uma cidade educadora precisa ser inclusiva e voltada para o desenvolvimento humano de todos. Eis o desafio da educação articulada por todos os setores sociais em todos os espaços de convivência humana”.

EDUCAÇÃO E MERCANTILIZAÇÃO

Emanuel Otto Schwieder, estudante de Psicologia da Unisinos e bolsista no PPG em Educação da Universidade, destaca a necessidade de que as idéias do FME possam, de fato, incidir nas instituições de ensino.

“Acho de extrema importância que se desenvolvam eventos como o FME. Porém, eventos desse porte necessitariam de uma maior atenção pedagógica por parte de seus organizadores na hora de estabelecerem os temas das conferências e debates temáticos de maneira que esses possam vir a efetivamente contribuir com os anseios, necessidades e interesses da grande diversidade de público que o componha, a fim de se evitar que esses espaços se poluam com fundamentalismos demagógicos tanto religiosos quanto políticos. A meu ver, uma maior especificidade dos temas se faz necessário.

Falamos sobre educação, na atual configuração econômica mundial globalizante, é algo extremamente complicado, pois se trata de um processo dinâmico que vai se modificando na medida em que a lógica de forças político-econômico-cultural-sociais que compõem e norteiam o Estado vão se transformando. Convém pensarmos em uma educação emancipadora atrelada a um projeto de estado-nação que almeje a formação humana de seres sociais a fim de que estes possam vir a ser sujeitos da produção e não meros objetos dela. A educação deve ser pensada como base de um projeto político-pedagógico-social flexível que almeje a formação moral de sujeitos sociais, bem como desenvolvimento de suas habilidades e potencialidades individuais como cidadãos agentes na produção, tanto material quanto subjetiva, em um determinado sistema cultural de uma determinada região. Portanto, citar o que de importante o FME, como um movimento essencialmente de esquerda, que busca alternativas de libertação e desatrelamento dessa pressão massificadora do poder econômico-cultural de consumo, que pudessem contribuir para o desenvolvimento da educação na universidade. E sendo a Unisinos,

hoje, em parte associada a essa lógica capitalista, então, acredito que a contribuição seria muito vaga, exceto se começarmos a pensar, professores e alunos em conjunto com a sociedade, a idéia de se promover uma revolução educacional em relação à mercantilização da produção de conhecimento e do ensino nas instituições privadas.”

[\(Voltar ao índice\)](#)

DESTAQUES DA SEMANA

Artigos da semana

Nesta semana destacamos dois artigos. Em primeiro lugar, traduzimos e publicamos o artigo de Gilles Kepel, veiculado no jornal espanhol **El País**, em 5 de agosto de 2004, em que analisa os recentes ataques aos cristãos no Iraque. Gilles Kepel é considerado um dos maiores especialistas do Islã no ocidente. Ele é professor de Ciências Políticas na Universidade de Paris, cadeira do Oriente Médio e Mediterrâneo. É autor, entre outros, dos seguintes livros: **Jihad. Expansão e declínio do islamismo**. Bibliex Cooperativa, 2004 (o original é de 2001); **La revanche de Dieu. Chrétiens, juifs et musulmans à la reconquête du monde (A revanche de Deus. Cristãos, judeus e muçulmanos na reconquista do mundo)**. Paris: Seuil, 2003.

De Gilles Kepel publicamos uma entrevista na 52ª edição de 24 de março de 2003, um artigo na 74ª edição, de 8 de setembro de 2003.

Em segundo lugar, reproduzimos o artigo "As três pobreza da universidade", de Cristovam Buarque. O artigo foi publicado na revista **Primeira Leitura**, n. 29, p. 48, de julho de 2004. Entrevistamos Cristovam Buarque em duas ocasiões. Uma foi sobre o papel da Universidade, publicada na 90ª edição, de 1º de março de 2004, e outra sobre Leonel Brizola, na 107ª edição, de 28 de junho de 2004.

O ATAQUE AOS CRISTÃOS NO IRAQUE

Por Gilles Kepel

Os ataques lançados contra os lugares de culto cristãos no Iraque têm uma dupla estratégia: uma a curto e outra a longo prazo. Esta campanha de atentados, levados a cabo por extremistas islâmicos, está relacionada com as chamadas difundidas em Internet e que levam a assinatura do Aiman Al Zawahiri e Osama bin Laden e com os sermões dos irmãos salafistas nos que se prega que tanto os cristãos como os judeus são *kuffar*, infiéis e ímpios, e que, portanto, merecem a morte. Considera-se que derramar seu sangue é "lícito".

O Iraque segue sob o domínio dos Estados Unidos e atacar os cristãos é um modo de ferir os estadunidenses, considerados como "cruzados cristãos". Na estratégia a longo prazo, está o fato de que o Iraque foi um dos berços do cristianismo, e até princípios do século XX cidades como Bagdá, Basora e Mosul eram lugares onde existiam amplas e influentes comunidades cristãs e judias.

Os muçulmanos estavam representados sobretudo pelas tribos beduínas *sunies* e pelos camponeses *chiies*. Com a criação do Estado do Israel, em 1948, quase todos os judeus se foram do Iraque. Posteriormente, com as revoluções socialistas lideradas por oficiais árabes *sunies* - cujas tribos se estabeleceram a seguir nas cidades-, a classe média urbana cristã foi

vítima da nacionalização dos bens e das propriedades, por isso preferiu emigrar. Hoje o cristianismo iraquiano é só a sombra do que foi. Na atualidade, a cidade maior cristã-iraquiana do mundo é Detroit, nos Estados Unidos, cidade para a qual emigraram muitos iraquianos na segunda metade do século passado.

Sob o regime de Sadam Husein, apoiado na ideologia “baazista” - fundada por um sírio cristão, Michael Aflaq-, o laicismo oficial permitiu a alguns expoentes da comunidade cristã desempenhar acusações públicas. O mais célebre foi Tarek Aziz, vice-presidente do regime e intermediário favorito do Sadam para as negociações com os países europeus e o Vaticano, e agora encarcerado em Bagdá.

Mas durante o mandato de Sadam, sobretudo depois de sua derrota no Kuwait em 1991, as campanhas de islamização destinadas a reforçar a legitimidade do déspota reduziram cada vez mais o papel e a visibilidade dos cristãos. Ao mesmo tempo, as cidades viam como desapareciam as minorias cristãs e aumentavam as populações rurais e tribais muçulmanas (tanto *sunies* como *chíies*).

Os ataques contra os cristãos não representam só uma ofensiva contra um objetivo real, mas, sobretudo, contra um símbolo. Do mesmo modo, os ataques contra os cristãos do último período no Paquistão servem como desafogo e “bode expiatório” para o rancor dos extremistas islâmicos. De fato, os cristãos do Iraque são reféns dos que querem enviar uma mensagem à América cristã que controla o país.

AS TRÊS POBREZAS DA UNIVERSIDADE

Por Cristovam Buarque

Não há futuro sem universidade. Mas a universidade brasileira não é instrumento do futuro porque está pobre. Pobre porque sucessivos governos deixaram de lhe dar importância, retiraram seu apoio financeiro, desprestigiaram-na. E porque ela não se adaptou à revolução do conhecimento do fim do século 20. Pobre porque perdeu o compromisso com um futuro sem apartação, porque convive com o apartheid social e até mesmo colabora com ele.

A primeira pobreza deriva da falta de um projeto nacional. Enquanto outros países até menos promissores que o Brasil investiam na sua universidade e promoviam o desenvolvimento científico e tecnológico, nossos governos cultivavam o sentimento inconseqüente de que não precisávamos de independência científica na suposição de que a inteligência poderia ser comprada no exterior. Também a escassez de recursos levou ao empobrecimento da universidade, parte da crise de um país endividado e forçado ao ajuste fiscal. O Brasil desprezou sua universidade estatal e transferiu para a poupança privada a responsabilidade de financiar a educação superior de seus filhos - nem sempre com a qualidade de que o país precisa e à qual o estudante tem direito. Às vezes, a universidade privada é quase uma farsa. Como conseqüência do desprezo governamental, há a perda da qualidade.

A segunda pobreza é a perda da sintonia com as exigências do pensamento moderno. O mundo mudou radicalmente nos últimos 30 anos, mas a universidade segue igual, sem incorporar novas áreas, sem aceitar a multidisciplinaridade nem considerar a opção do ensino à distância. As profissões continuam as mesmas, ignorando novas áreas surgidas a cada dia; os cursos têm a mesma duração, ainda que novos instrumentos de ensino permitam estudos mais curtos e que novas exigências demandem mais tempo. E, na era da internet e da TV acabo, as universidades exigem presença física de alunos e professores.

Não foi só o conhecimento que mudou e adquiriu nova velocidade nas últimas décadas, mas também a sociedade brasileira. A universidade não entendeu inteiramente o significado da democratização nem as exigências que lhe pesam nos ombros até que o Brasil complete a

democracia. Depois da ditadura, ela se democratizou para dentro, elegendo reitores e definindo regras, mas nada mudou a sua relação com o povo brasileiro. A democracia não chegou aos pobres, e a sociedade brasileira parece ter escolhido o caminho da apartação, e os cursos universitários continuam tão alienados das necessidades do povo como eram nos dias abolicionistas do século 19.

A terceira pobreza da universidade é ética, resumida em falta de compromisso com os pobres, com o destino do Brasil, com a justiça e a soberania. A tentativa de relacionamento com o povo resultou na proposta de abertura de vagas para os pobres - uma demagogia em um país onde só um terço dos jovens conclui o ensino médio. A verdadeira democratização da universidade está em adaptar seu conhecimento para servir às necessidades do povo brasileiro. Em uma democracia, recursos continuarão faltando para a universidade se ela não provar sua capacidade de adaptação a uma época nem mostrar seu papel na construção de um Brasil justo e soberano. E ela não poderá fazê-lo sem apoio do governo.

Tal obra deve ser feita a dois - governo e universidade - com um compromisso firme com o Brasil e sua população. Por isso é tão importante realizar a reforma do ensino superior, proposta pelo MEC desde o primeiro dia do governo Lula. Mas essa reforma precisa contar com total participação e entendimento da comunidade acadêmica. Esta, por sua vez, deve deixar o monólogo das últimas décadas e descobrir que há um mundo fora dela, querendo falar, apoiá-la e exigir o que ela não tem dado por inteiro.

[\(Voltar ao índice\)](#)

Entrevista da Semana

"A CRISE DO CATOLICISMO VEM DA SUA IMOBILIDADE DIANTE DAS MUDANÇAS CULTURAIS"

Danièle Hervieu-Léger entrevistada por Henri Tincq

*A Congregação da Doutrina da Fé, dirigida pelo Cardeal Joseph Ratzinger, enviou, no começo do mês de agosto, uma carta aos bispos católicos de todo mundo, que tem como tema "a colaboração do homem e da mulher no mundo e na Igreja". O documento suscitou uma viva discussão na imprensa dos EUA e da Europa, especialmente, na Alemanha, Itália e na França. O jornal francês **Le Monde**, 7 de agosto de 2004, publica um artigo de Henri Tincq, jornalista responsável pelos assuntos religiosos do jornal, uma entrevista com Danièle Hervieu-Léger, socióloga, e um editorial. A seguir, reproduzimos a entrevista de Danièle Hervieu-Léger, socióloga, diretora do Centro de estudos interdisciplinares dos fatos religiosos na École des hautes études en sciences sociales. Ela é autora de vários livros, entre os quais destacamos os seguintes: **Le pèlerin et le converti. La religion en mouvement**. Paris: Flammarion, 1999; **La religion en miettes ou la question des sectes**. Paris: Calman-Lévy, 2001; **Catholicisme, la fin d'un monde**. Paris: Bayard, 2003. A entrevista foi feita por Henri Tincq. Ele é autor, entre outros, dos seguintes livros: **Défis au pape du troisième millénaire. Le pontificat de Jean Paul II les dossiers du successeur**. Paris: Lattes, 1997 e **Une France sans Dieu**. Paris: Calmann-Levy, 2003.*

O que a senhora pensa dessa refutação romana do feminismo?

Danièle Hervieu-Léger - Para além da reiteração do discurso tradicional sobre as relações entre os sexos e a sexualidade, dois traços me chocam. Em primeiro lugar, a acentuação fundamentalista. O arsenal de referências mobilizadas para descrever a antropologia bíblica

intangível de que o magistério tem a chave, mostra que se trata de ir contra a teologia liberal, que se refere à Escritura para fazer evoluir a norma católica, e de se colocar sobre o mesmo terreno de outros fundamentalismos. O segundo traço: o encadeamento pernicioso que o texto estabelece entre igualdade de direitos, indiferenciação dos papéis sociais e a suposta confusão de sexos. Para além da questão das mulheres, o Vaticano se lança claramente no combate contra a homossexualidade e o casamento homossexual.

Na crise do catolicismo que a senhora pesquisa, qual a responsabilidade que cabe a este discurso sobre as mulheres?

Danièle Hervieu-Léger - Esta crise está ligada às evoluções culturais e sociais que mudaram radicalmente as relações entre os sexos, as estruturas familiares, as relações pai-mãe, pais-filho. A afirmação da autonomia individual, o desenvolvimento da ciência, tudo isso contribuiu para estourar com a visão tradicional do casal. Ora, o verdadeiro processo da crise do catolicismo vem, precisamente, do seu imobilismo face a tais mudanças. A Igreja se mostra incapaz de fazer evoluir um discurso sobre a sexualidade, a mulher e o casal que reflete, de maneira incrivelmente repetitiva, as atitudes que remontam ao século XIX, estruturadas em torno de uma concepção essencialmente biológica da lei natural

O casamento cristão não abriu o caminho, no seu tempo, a um reconhecimento da igualdade das mulheres?

Danièle Hervieu-Léger - Sim, o cristianismo contribuiu amplamente para fazer reconhecer a dignidade da mulher nas culturas – como na cultura romana – onde ela era inferior. O cristianismo afirmou claramente a igual dignidade de todos os seres humanos. Basta lembrar São Paulo, falando aos Gálatas que “no Cristo, não há mais senhor, nem escravo, nem judeu nem grego, nem homem nem mulher”¹⁵. Mas depois tudo se passou como se a Igreja quisesse fechar a porta. No plano político, dizendo que a soberania do indivíduo, dos seus direitos, da sua liberdade era um atentado à submissão do homem a Deus. É todo o discurso da “intransigência católica” do século XIX. O mesmo ocorre a propósito da igualdade dos sexos: no momento em que ela começava a ser reconhecida, a Igreja temia que ela desorganizaria completamente seu sistema de organização. O acesso da mulher à autonomia ameaçava o caráter absoluto da diferenciação dos sexos, que a Igreja tinha posto, uma vez por todas, como sendo da ordem da natureza. E, depois no século XIX, esta concepção biológica da sexualidade e das relações homem-mulher não parou de se desenvolver.

Sempre voltamos para o mesmo ponto. A Igreja não tem nada, diz ela, contra as mulheres! Ela somente sabe que a ordem natural inscrita no seu corpo é o último bastião da heteronomia, a última maneira de assinalar os limites da autonomia humana. No terreno do político, a Igreja perdeu a batalha. No terreno da sexualidade, ela pensa que tem ainda uma chance, porque está ligada às determinações fisiológicas. A obsessão da Igreja sobre a questão do sexo é tanto maior quanto ela perdeu, radicalmente, a batalha no campo das autonomias políticas.

Mas a senhora não é sensível aos riscos evocados da confusão das identidades sexuais?

Danièle Hervieu-Léger - Mas as mulheres que lutam pela igualdade, jamais negaram que há uma diferenciação dos sexos! Toda a questão é de saber se se mantém ou não uma diferenciação social e jurídica sobre a base de uma diferenciação biológica que é irrecusável.

¹⁵ Carta de Paulo aos Gálatas, capítulo 4, versículo 28: “Não há mais diferença entre judeu e grego, entre escravo e homem livre, entre homem e mulher, pois todos vocês são um só em Jesus Cristo” (Nota do *IHU On-Line*).

Ora, longe de uma busca de indiferenciação sexual, o feminismo sempre buscou conciliar duas posições: uma, que reivindica a igualdade absoluta dos direitos dos indivíduos, sejam eles homens ou mulheres, e a outra, que coloca em pauta a necessidade de fazer reconhecer, numa sociedade machista, a identidade específica da mulher. Em nenhum momento o fato de reconhecer a identidade da mulher apareceu como contraditório com o fato de permitir a estas mulheres acederem a uma igualdade de direitos.

A senhora acredita que a Igreja perde as mulheres como “perdeu a classe operária”?

Danièle Hervieu-Léger - Isso não é verdade em todos os países, mas não há nenhuma dúvida de que tenha acontecido na Europa ocidental e na América do Norte. Estas defecções não vêm somente da persistência das discriminações em relação às mulheres na divisão do trabalho religioso, ou seja, no acesso aos ministérios ordenados. Elas vêm da rejeição de toda contracepção que não seja natural, da recusa da procriação medicamente assistida (PMA), de toda uma série de reafirmações do interdito nos registros da sexualidade que dizem respeito à mulher, em primeiro lugar. O resultado é que as mulheres têm deixado, silenciosamente, o lugar. As observações sociológicas segundo as quais elas praticam mais que os homens ou que a religião é transmitida às crianças pelas mulheres são cada vez menos confirmadas. Podemos dizer que o desinvestimento da cultura católica atinge tanto as mulheres quanto os homens. E, talvez, ele seja mais espetacular entre as mulheres que entre os homens.

[\(Voltar ao índice\)](#)

Memória

*No dia 28 de julho de 2004 faleceu Francis Crick. Celebrando sua memória publicamos o artigo de Luca Tancredi Barone, um depoimento do cientista italiano Carlo Alberto Redi que o conheceu pessoalmente e um artigo de Lisa Masier sobre a importante contribuição de Rosalind Franklin. Todos os artigos foram publicados pelo jornal italiano **Il Manifesto**, 31-7-04. Os subtítulos são nossos.*

*Por ocasião do cinquentenário da descrição da estrutura do DNA o **IHU On-Line**, n.º 62, de 2 de junho de 2003, dedicou o tema de capa ao assunto. Conferir também a carta do professor Ático Chassot, publicada no **IHU On-Line**, n.º 63, de 9 de junho de 2003. Na mesma edição consta outra carta, que foi lida no evento **IHU Idéias**, de 5 de junho de 2003, cujo tema foi DNA: potencialidades e polêmicas 50 anos depois, apresentado pela professora Jaqueline Rodrigues, da Unisinos.*

O DNA FICOU ÓRFÃO. A MORTE DE FRANCIS CRICK

Luca Tancredi Barone

Um dos ícones mais importantes do século vinte, o DNA, tornou-se órfão. Num hospital de San Diego, quarta-feira à noite, morreu um dos homens que revelaram aquilo que eles mesmos haviam definido como “o segredo da vida”. Francis Crick tinha 88 anos e estava afetado há tempo por um câncer do colo. O seu nome permanecerá para sempre ligado ao do americano James Watson, o homem com o qual firmou o histórico artigo saído no dia 25 de abril de 1953, na revista **Nature**. Naquele artigo, pela primeira vez, era descrita com exatidão a estrutura do DNA, o ácido desoxirribonucléico, a molécula que está encerrada no núcleo de todas as células

de todos os organismos vivos. No DNA, está “escrito” aquilo que foi enfaticamente chamado de “o código da vida”, o conjunto das instruções que servem à célula para construir as proteínas que lentamente, durante a sua existência, lhe servem para sobreviver e cumprir as suas funções, em estreita colaboração com todas as suas vizinhas. E a língua na qual está escrito este código é formada pelas quatro letras que Crick tinha sobre a placa de seu automóvel: Atcg: adenina, timina, citosina, guanina, as assim chamadas bases azotadas. Milhões de bases dispostas na forma de uma dupla hélice, uma longuíssima escada, no caracol da qual elas formam os degraus.

“Não escapou da nossa atenção”, escreveram Crick e Watson na lapidar conclusão de seu histórico artigo, que o acoplamento específico que postulamos indica imediatamente um mecanismo de cópia do material genético. E esta é a explicação a longo tempo procurada pelos biólogos para explicar a misteriosa hereditariedade dos caracteres observados pelo abade Mendel oitenta anos antes. Uma explicação tão fundamental, a ponto de merecer em 1962 o Nobel aos dois, e a Maurice Wilkins, de quem haviam usado os dados (a pobre Rosalind Franklin¹⁶), ao invés, com quem a descoberta andava ao menos em parte compartilhada, tinha falecido, em 1958).

Francis Harry Compton Crick nascera aos oito de junho de 1916 em Northampton, na Inglaterra. Estudara física no University College em Londres, fazendo uma pesquisa em “um dos argumentos mais tediosos que se possa imaginar, como escreveu ele próprio: a viscosidade da água sob alta pressão. Cooptado, como muitos de seus coetâneos, na pesquisa militar durante a segunda guerra mundial, (desenhava minas navais), renunciou a um posto fixo que lhe havia oferecido o seu chefe no serviço secreto inglês, para jogar-se num campo que então apenas estava se abrindo: a pesquisa sobre a base física da vida. Uma escolha que o levou ao Laboratório Cavendish em Cambridge, o centro mais importante do mundo para o estudo das proteínas com os raios X, onde na tardia idade de 35 anos iniciou o seu doutorado”.

Em breve, desabou-lhe no escritório um biólogo americano, doze anos mais jovem que ele, com o qual se criou subitamente uma grande empatia, porque, como escreveu Crick mais tarde, “uma certa arrogância juvenil, uma determinação e uma impaciência para o pensar desleixado eram naturais a ambos.” Dois belos caracteres, em suma. A ponto de fazer Watson escrever, na primeira frase de seu livro, que recordava aqueles anos (em italiano: *La doppia elica* [A dupla hélice], Garzanti, 2004), “Não me lembro de jamais ter visto Francis Crick num humor modesto”. Crick não o aceitou muito bem e tentou realmente fazer bloquear a publicação do livro (mas depois os dois fizeram as pazes: “No final, é Jim que saía pior”, disse Crick anos mais tarde).

Seja como for, os dois se envolveram naquela que haviam entendido ser a molécula chave para a biologia. Com efeito, nem Watson nem Crick deveriam ter trabalhado sobre aquele tema, que por um pouco lhes foi simplesmente vedado. Mas eles não se deram por vencidos, e após muitas tentativas frustradas conseguiram, com o tempo, bater todos – também graças aos preciosos dados de Rosalind Franklin, que talvez lhe foram subtraídos por seu chefe Wilkins, mas que, no entanto, ela apresentou numa assembléia: resultados que, entre outros, Crick inicialmente entendeu mal.

¹⁶ Cf. a carta do Prof. Ático Chassot publicada no *IHU On-Line*, n.º 63, de 9 de junho de 2003. Cf. também o livro CHASSOT, Ático. *A Ciência é masculina? É sim, senhora!* São Leopoldo: Editora Unisinos, 2003. O tema desse livro foi desenvolvido, originalmente, no IHU Idéias no dia 21 de agosto de 2003. (Nota do *IHU On-Line*)

RNA

Crick, conhecido no ambiente não só pelas festas organizadas pela segunda mulher Odine, mas também pela “inteligência, a ironia, a forte personalidade e a voz estentórea” (a ponto de freqüentemente o diretor de Cavendish, Brag, precisar mudar de quarto), como escreveu o historiador Horace Freedland Judson, certamente não sentou nos louros e continuou as suas pesquisas, descobrindo, junto com Sydney Bremer, que os aminoácidos (os anéis da longa cadeia que forma as proteínas) eram vinte e que eles estavam diretamente ligados às bases. É seu, de fato, “o dogma central da biologia”: um gene, uma proteína (uma concepção um tanto reducionista, hoje amplamente superada pela pesquisa, mas que então contribuiu, de modo fundamental, para a compreensão do mecanismo da hereditariedade). Mas Crick, junto com outros colegas, descobriu também o RNA, a contraparte celular do DNA, um dos mediadores químicos fundamentais para chegar às proteínas.

A natureza da consciência

Não basta. Em 1977, já septuagenário, Crick – que entretentes se transferira para o Instituto Salk, na Califórnia, que viu entre os seus fundadores também Renato Dulbecco¹⁷ – decide dedicar-se a um outro tema de pesquisa: a natureza da consciência (tema ao qual dedicou o livro de 1994, *The astonishing Hypothesis* [A espantosa hipótese], em italiano: *La scienza e l'anima*, Rizzoli). “Naquela idade, precisava dedicar-me a coisas que me divertiam”, disse ele. E no livro escreveu: “Tu, as tuas alegrias e as tuas dores, as tuas memórias e tuas ambições, o teu senso de identidade e o teu livre arbítrio, não sois, com efeito, senão o comportamento de um grande número de células nervosas e das moléculas a elas associadas”.

A origem da vida. A panspermia guiada

No livro *Life Alone* [A vida somente], de 1981, Crick lançou-se, ao invés, a um outro campo: o da origem da vida. É sua a idéia da “panspermia guiada”, a origem da vida a partir do espaço: uma navezinha espacial de extraterrestres teria, há milhões de anos, espalhado microorganismos sobre a terra. Destes se teria, depois, desenvolvido a vida. Uma tese hoje antes heterodoxa e minoritária, mas que se manteve viva através dos anos e conservou o seu fascínio também graças ao caráter decidido de seu inventor.

“Francis ama essencialmente trabalhar sozinho”, havia dito dele Sydney Brenner, “mas agrada-lhe um colega contra o qual jogar, por assim dizer”. É sem erro o louvor de ontem de Watson: “Recordar-me-ei sempre de Francis, pela sua extraordinária inteligência tão focalizada, e pelos muitos modos com que me mostrou gentileza e me ajudou a tornar-me mais seguro de mim mesmo. Trabalhar com ele foi um grande privilégio, por alguns anos tenho sido para Crick como uma pessoa da família”.

UM CÓDIGO DO NOSSO PRESENTE

*A descoberta da estrutura que codifica a informação genética faz de Crick um dos maiores cientistas da história. O depoimento de Carlo Alberto Redi foi publicado pelo jornal italiano **Il Manifesto**, 31-7-04.*

Carlo Alberto Redi integrou a equipe que em 1998 criou a Cumulina, o primeiro rato clonado na história. Embora tenham sido necessárias pelo menos 84 tentativas e o animal tenha vivido apenas 18 meses, o cientista italiano é um fervoroso partidário do uso desse método de duplicação genética na zootecnia,

¹⁷ Cientista italiano que descobriu no California Institute of Technology, o vírus mutante da poliomielite. Em 1958 concentrou a atenção sobre os vírus que induzem tumores, descrevendo o mecanismo de interação entre os DNA da célula hóspede e do vírus, pela qual a célula incorpora o DNA viral tornando a modificação do tumor hereditária. Por estas descobertas recebeu o Prêmio Nobel em 1975. Desde 1986 participa ativamente no Projeto Genoma Humano. (Nota do *IHU On-Line*)

sobretudo por seu potencial de aplicações na medicina. Porém, uma coisa são os animais e outra as pessoas. “A clonagem humana não tem nenhuma utilidade, o clone seria mais feio, doente e estúpido”, afirma. Diretor do Departamento de Biologia Animal da Famosa Universidade de Pavia, na Itália, Redi (1949) publicou mais de 120 trabalhos científicos, colabora com as mais importantes revistas especializadas do mundo e é editor-geral do periódico europeu de histoquímica. Com seu colega Rita Levi, prêmio Nobel de Medicina de 1986, fundou o Instituto Europeu de Bioregeneração, cujos objetivo é criar células-mãe, sem ter que danificar embriões.

Ter contribuído para clarear a estrutura do DNA, a estrutura da molécula que codifica a informação genética, faz de Francis Crick um dos maiores cientistas da história, um dos gigantes da história da humanidade. Tal contribuição constitui, de fato, a premissa para a revolução biológica que, a partir dos anos cinquenta, caracteriza a história da nossa espécie, pelas conseqüências filosóficas, culturais e econômicas que gerou. Bastará recordar que o modo como hoje nos é dado viver e perceber-nos a nós mesmos, deriva diretamente da genial intuição que Crick compartilhou com James Watson, Maurice Wilkins e, a história atualmente o esclareceu, com Rosalind Franklin: que os quatro nucleotídeos que compõem o DNA (A, T, C, G) estão dispostos de modo a formar uma estrutura molecular em dupla hélice. Tal descoberta foi o pré-requisito necessário para o início da era das biotecnologias, abrindo o campo a uma série inumerável de aplicações que é mesmo difícil de elencar. Bastará pensar naquela do campo médico, do diagnóstico molecular às oportunidades de terapia, naquelas industriais, dos processos de produção de fármacos aos de alimentos, até aquelas no campo social, quando se pensa na criação de bancos genéticos, úteis para a identificação de culpados de delitos, ou de indivíduos suscetíveis a particulares enfermidades. Também a recente aquisição, marcadamente filosófica e fruto do seqüenciamento do genoma humano, de que o conceito de raça não tem mais significado em biologia e quando muito pode ser empregado para descrever variações na pigmentação da pele, deriva do trabalho deste senhor de ar *dandy* e de prosa tão sedutora quanto cortante.

Não gostava de perder tempo, sua baixíssima visibilidade midiática era devida ao fato de considerar uma perda de tempo tudo o que o afastava da pesquisa experimental e de suas reflexões. Não é por acaso que, após a descoberta, o sodalício entre ele e James Watson se interrompeu, com Watson mais dedicado à política do fazer ciência, enquanto Crick continuava a trabalhar em laboratório. Se devemos aos esforços de Watson, ter sido levado a termo o projeto de seqüenciamento do genoma humano, devemos a Crick outros contributos centrais para o avanço do saber biológico, como o ter clareado a estrutura do t-RNA, uma das moléculas envolvidas na expressão em proteínas da informação genética contida no DNA, em outras palavras, o ter contribuído de modo determinante para a decifração do código genético.

Alma: um problema de reações químicas

Nos anos oitenta, Crick está na Califórnia, e daquele momento em diante ele se ocupará de neurociências, tornando-se um defensor da visão reducionista de tal disciplina: famosa é a sua frase de que a alma é somente um problema de reações químicas. Pessoalmente cheguei até Crick somente uma vez, por telefone, enquanto era hóspede de um amigo comum, Kurt Benirsche, então diretor do zôo de San Francisco, com o qual eu gostava de compartilhar jornadas de pesca em mar aberto. Perguntei-lhe sobre o que pensava de uma hipótese que eu tinha formulado com Silvia Garagna, Maurizio Zuccotti e Ernesto Capanna, sobre a estrutura do DNA nas transferências cromossômicas do tipo que origina a síndrome de Down. Pediu-me tempo para ler o trabalho e me chamou algumas semanas mais tarde para um lacônico: *It*

makes sense! [Faz sentido!] Ao meu entusiasmo manifesto pela sua afirmação me disse que podia acrescentar o seu nome nos agradecimentos.

Tão famoso, se tornara um pesquisador atento às dinâmicas de produção do saber, cômico de que tal autorização me teria aplainado a estrada para ver publicado o trabalho. A lembrança mais singular do personagem está, todavia, ligado à imagem da placa de seu automóvel: tinha adquirido uma Mercedes, emplacada Florida Atcg...

Repensando o seu trabalho, é natural para os pesquisadores italianos uma reflexão amarga: a histórica revolução promovida por Francis Crick é fruto daquela pesquisa que hoje se quer vincular à pesquisa assim dita aplicada (para a qual, ademais, os financiamentos são escassos), a pesquisa de base: sem os financiamentos para aquele trabalho, que não podia ser mais abstrato e teórico, desenvolvido, além disso, por um jovem bolsista americano e por um físico que desenvolvia minas subaquáticas, não nos teriam sido possíveis todas as recaídas que hoje temos, também aquelas produtivas tão decantadas pela ministra Letizia Moratti. A pesquisa é uma só e é financiada generosamente, também para oferecer a possibilidade, a tantos bravos jovens pesquisadores, de fazer conhecer o próprio talento científico.

A FOTOGRAFIA OBSCURECIDA

As provas experimentais da estrutura do DNA de Rosalind Franklin

Aos 25 de abril de 1953, James Watson e Francis Crick publicaram, na revista científica inglesa *Nature*, o histórico artigo que anunciava ao mundo como o manual de construção de todo ser vivo era escrito sobre uma molécula de forma inverossímil: duas fitas ligadas que se perseguem, envolvendo-se em torno de um mesmo eixo, formando uma espécie de escada em caracol. O texto começava com um tom extraordinariamente contido: “Desejamos sugerir uma estrutura para o sal do ácido desoxirribonucléico (DNA). Tal estrutura tem características novas que revestem um notável interesse do ponto de vista biológico”. Uma autêntica obra-prima de falsa modéstia, se é verdade que Crick havia anunciado aos colegas de Cambridge ter “descoberto o segredo da vida”. Desde aquele momento, o ácido desoxirribonucléico entrava a velas soltas na história como DNA e o ícone da “dupla hélice” galgava como protagonista o palco da ciência e da cultura mundial. Abria-se a era do genoma. Nove anos depois, em 1962, o prêmio Nobel para a fisiologia era atribuído a James Watson, Francis Crick e Maurice Wilkins. Nenhuma menção para Rosalind Franklin, que entrementes morrera de câncer, em 1958. O seu contributo para a história da biologia molecular foi, no entanto, crucial. Os seus estudos e as suas pesquisas sobre a técnica da difração em raios X – usados não para estudar cristais, mas materiais complexos como as moléculas biológicas – forneceram as primeiras provas experimentais da estrutura do DNA. Já um ano antes que Crick e Watson se apaixonassem pelo DNA, Franklin entrava no King’s College de Londres, sob a supervisão de Wilkins e, precisamente baseando-se numa fotografia sua do DNA – a célebre “photograph 51”, mostrada por Wilkins a Crick e Watson sem que o soubesse Rosalind Franklin -, Watson e Crick construíram o seu primeiro modelinho de DNA. Watson escreverá em seguida: “No instante em que vi aquela imagem, fiquei de boca aberta. Muitos dos referenciais da ética estavam ali”. E também Crick admitirá: “Sem aqueles dados a formulação do nosso modelo teria sido altamente improvável, se não impossível... Temo que tenhamos adotado, nos confrontos de Rosalind, um comportamento que poderia definir como paternalista, de condescendência”.

[\(Voltar ao índice\)](#)

Deu nos jornais

Bradesco. Lucro cresce 21% no 1º semestre

O lucro líquido do Bradesco cresceu 21% em relação ao primeiro semestre de 2003 e totalizou R\$ 1,250 bilhão. Foi o terceiro melhor resultado semestral do banco desde 1987, segundo levantamento da consultoria Economática. O maior lucro anterior foi registrado no primeiro semestre de 2001 - R\$ 1,387 bilhão (corrigido pelo IPCA). A notícia está publicada nos jornais **Folha de S. Paulo** e **O Globo**, 3-8-04.

Banco Real tem crescimento de 154% até junho

O balanço do ABN Amro, divulgado dia 2 de agosto em Amsterdã, revela que o lucro de suas operação no Brasil aumentou 154,4% no primeiro semestre deste ano, em relação a igual período do ano passado. Segundo o balanço do controlador do ABN Amro Real, o banco brasileiro teve um lucro líquido de 145 milhões (correspondentes a R\$ 532 milhões pelo câmbio de 2 de agosto) e um resultado operacional de 326 milhões. A notícia está publicada no jornal **Folha de S. Paulo**, 3-8-04.

Banco Itaú. Lucro de 22,4%

O lucro do banco Itaú Holding Financeira, de R\$ 1,825 bilhão no primeiro semestre deste ano, foi 46% superior ao do Bradesco, que divulgou resultados no dia 2 de agosto. Assim como seu concorrente, o Itaú aumentou seu lucro líquido apesar da queda dos juros - cresceu 22,4% na comparação com o primeiro semestre de 2003. A notícia está publicada nos jornais **Folha de S. Paulo** e **O Globo**, 4-8-04.

O “Consenso de Brasília”

Em entrevista à **Época**, 2-8-04, Vinod Thomas, diretor do Banco Mundial, elogia o governo Lula e acredita que o presidente pode estar fundando um novo movimento econômico, o “Consenso de Brasília”. De acordo com ele, “é um modelo novo. Antes havia o Consenso de Washington, um enfoque muito estreito sobre estabilidade macroeconômica e liberalização do mercado. A idéia era de que, com apenas isso, o País não só iria crescer, mas melhorar no social. Não deu certo na maioria dos casos e a Argentina é um exemplo. Esse modelo do governo Lula é diferente. A ênfase macroeconômica continua, ao contrário do que muitos pensavam, mas a ênfase ao social também aumentou. Então essa coincidência representa algo novo. É o Consenso de Brasília: macroeconomia e questão social interligadas”. E prossegue, “do nosso ponto de vista, o Brasil tem um dos melhores modelos que conhecemos. Nossa avaliação é de longo prazo. Assim, posso dizer que, entre os países grandes, o Brasil tem as melhores chances para melhorar a situação de seu povo. Estou comparando com China, Índia, África do Sul, Indonésia e México”.

FHC e o superávit primário. Perigo de explosão social

Na longa entrevista com Fernando Henrique Cardoso, ex-presidente do Brasil, publicada na revista **Primeira Leitura**, à pergunta “por que o senhor passou os quatro anos do seu primeiro mandato sem fazer um superávit primário, mínimo que fosse? FHC responde: “Acontece que tínhamos uma situação social explosiva, e isso nos impôs algumas opções. Era preciso atender

basicamente as áreas da educação, saúde e reforma agrária. Isso custa dinheiro, e entendemos que aquele não era o momento de fazer o superávit primário. Se eu fosse fazer superávit primário naquele momento, a situação social explodiria”.

FHC e a pedagogia democrática segundo Delfim Netto

Antonio Delfim Netto, mesmo não citando explicitamente, comenta, em artigo publicado na **Folha de S. Paulo**, 4-8-04, a longa entrevista de Fernando Henrique Cardoso à revista **Primeira Leitura**, julho de 2004. Nesta entrevista, entre outros muitos assuntos abordados, Fernando Henrique Cardoso analisa o problema da dívida interna. Segundo Fernando Henrique Cardoso, “a dívida que está comandando o governo; não é o governo que está comandando a dívida”. E FHC prega a necessidade de uma “pedagogia democrática” para renegociar a dívida, “procurando evitar a impressão de se estar propondo o calote”. Para Antonio Delfim Netto, “é impossível negar que, visto do ponto do dia 31 de dezembro de 2002, a octaetéride caracterizou-se por uma grande troca: trocamos a hiperinflação por um hiperendividamento, por uma hipertributação e por uma hiperdependência externa”. E o ex-ministro da economia das ditaduras militares continua: “O Plano Real foi a mais criativa obra dos economistas brasileiros, e sua execução foi admirável graças ao que o presidente Fernando Henrique Cardoso hoje chama de ‘pedagogia democrática’. O que se discute são os seus custos em termos de atraso do desenvolvimento do País. O que incomoda mais o ex-presidente é o não-reconhecimento dos ‘esqueletos’ que ele recebeu, mas que têm pouca influência no estoque de dívida, porque ele pagou com a liquidação rápida e descuidada de parte do patrimônio nacional (*Focus*, BC, 25/2/2003)”. E contundente conclui: “FHC não tem de que se desculpar: governou com honra, mas com a inteligência condicionada à ideologia liberalista que o ‘mercado’ lhe impôs na passagem pelo poder. Isso deve ter-lhe custado uma dolorosa dissonância cognitiva entre a função dignificante mas passageira de presidente e a condição de grande intelectual. Discutir a dívida pública disfarçada em ‘pedagogia democrática’ não honra sua inteligência.”

Abaixo as sacolas plásticas

O Estado de S. Paulo, 2-8-04, destaca que cidades australianas começam a banir o uso de sacolas plásticas, que, segundo estimativas, levam mil anos para se degradar. “Várias cidades australianas estão banindo o uso de sacolas plásticas por razões ambientais”. Até pequenas cidades começam a aderir ao movimento e, segundo o coordenador Matt Cross, a adesão foi espontânea. “As pessoas simplesmente acharam que fazia sentido”.

O Crime da rua Tonelero. 50 anos

Nos primeiros minutos de 5 de agosto de 1954, uma quinta-feira, foi assassinado o major-aviador Rubens Vaz em frente ao prédio onde morava o jornalista Carlos Lacerda, em Copacabana, no Rio. Após 19 dias de crise política, o presidente Getúlio Vargas se matou. Exatos 50 anos depois do assassinato, o “crime da rua Tonelero” continua despertando paixões, versões e dúvidas. O crime da rua Tonelero, no dia do cinquentenário, é recordado pelos jornais **O Globo**, **Folha de S. Paulo** e **Jornal do Brasil** de 5-8-04. De 23 a 25 de agosto, realizar-se-á o *Seminário Nacional A Era Vargas em Questã*, promovido pelo Instituto Humanitas Unisinos e pelo PPG em História da Unisinos. Daniel Aarão Reis, Maria Victória Benevides, Artur Cesar Isaia, Pedro Dutra da Fonseca, Marco Antonio Villa, são alguns dos conferencistas. Durante o evento será inaugurada a Exposição *Eu Getúlio, Ele Getúlio, Nós Getúlio* no Espaço Cultural. A exposição está a cargo da Profa. Dra. Eloísa Capovilla da Luz Ramos.

Dois novos livros sobre o Crime da rua Tonelero

O jornal **Folha de S. Paulo** noticia que “dois livros vêm agora renovar a lenha dessa fogueira histórica. **Vitória na Derrota** (Casa da Palavra), do sociólogo Ronaldo Conde Aguiar, e **Getúlio** (Record), do jornalista e escritor Juremir Machado da Silva”. Segundo o jornal, os dois livros têm muitas diferenças entre si, mas a convicção de que os enviados de Gregório Fortunato não tinham o objetivo de matar Lacerda. O livro de Juremir Machado da Silva, que chega às livrarias em duas semanas, fez um romance histórico, repetindo a opção de Rubem Fonseca em **Agosto**. Apesar dessa liberdade, passou três anos lendo tudo sobre o caso e entrevistando pessoas, incluindo o assassino de Vaz. O livro se inclina por ver Lutero Vargas, filho de Getúlio, por trás do que seria um ‘susto’ ou uma “surra” em Lacerda, não um homicídio. Juremir Machado da Silva lançará este livro no **IHU Idéias** do dia 26 de agosto de 2004, às 17h30min.

A subida do petróleo ameaça desestabilizar a economia mundial

Foi esta a manchete principal do jornal espanhol **El País** de 5-8-04. No editorial, o jornal analisa que a explosão do preço do petróleo entre muitos fatores, se deve, principalmente, ao crescimento da demanda mundial exigida pelo despertar de grandes economias emergentes como a China e a Índia e à recuperação da economia dos EUA. O editorial termina afirmando que o antídoto para evitar a desestabilização da economia mundial, “duro de aplicar, é muito bem conhecido e se chama melhora da eficiência energética. Este seria o momento oportuno de desenvolver novos planos de poupança energética e melhora da eficiência empresarial; ainda que sejam impopulares”.

Kirchner sob pressão dos piqueteiros - o MST local?

O **Valor Econômico**, 4-8-04, em longa matéria intitulada *Grupos de desempregados crescem no país e desafiam o governo*, analisa o movimento piqueteiro argentino. A matéria afirma que “ao seu modo, a Argentina gestou, com o colapso de sua economia, o seu MST”. Diz que “a deterioração das condições sociais, causada pela crise econômica argentina está alimentando o crescimento de uma massa de indigentes agrupados em movimentos cada vez mais organizados e violentos, que se tornaram o principal problema social e político para o governo de Néstor Kirchner”. “Os piqueteiros argentinos compartilham com os sem-terra brasileiros a estratégia e o discurso de extrema esquerda de ‘ocupar, resistir e produzir’”, continua a matéria. O movimento mais radical é o MIJD (sigla em espanhol para Movimento Independente de Aposentados e Desempregados), liderado por Raul Castells. O MIJD mantém 1.100 refeitórios de refeições grátis, 61 farmácias que distribuem remédios básicos e 35 escolas. Entrevistado pelo **Valor**, Raul Castells afirmou que o “nosso objetivo central é que a Argentina seja governada pelos trabalhadores e pelo povo”. Uma das ações mais freqüentes desse movimento é sua ação contra as multinacionais - já atacaram com coquetéis molotov a sede da petroleira Repsol YPF e tomaram seis lanchonetes McDonald's. Em relação ao papel do capital estrangeiro, o líder piqueteiro afirmou, “terminou a época em que eles podiam fazer o que quisessem na Argentina. Entregamos todas as empresas estatais, e em troca de entregar tudo temos hoje uma dívida externa de US\$ 100 bilhões. Não queremos que venham mais capitais externos, porque a Argentina é auto-suficiente economicamente”. Perguntado se o seu projeto é o socialismo, Raul Castells, respondeu, “sim, mas não um governo social democrata ligado ao FMI, como o de Lula. Propomos um socialismo a sério, temos os recursos e riquezas naturais. Não precisamos de nada do exterior”.

Gerdau tem lucro recorde de R\$ 1,3 bi

A Gerdau, que opera 22 usinas de aço nas Américas, divulgou no dia 3 de agosto seu melhor resultado. De janeiro a junho, o grupo obteve ganho de R\$ 1,3 bilhão que representa alta de 137%. A notícia foi publicada pelo jornal **Valor Econômico**, 4-8-04.

Mínimo do Dieese é de R\$ 1.527,56

O salário mínimo do trabalhador brasileiro deveria ter sido de R\$ 1.527,56 em julho, quantia equivalente a 5,9 vezes o valor do mínimo vigente, que é de R\$ 260. Há um ano, quando o salário mínimo valia R\$ 240, o piso necessário correspondia a 5,8 vezes o valor da época. A notícia foi publicada no jornal **Valor Econômico**, 4-8-04.

Lula e Henrique Meirelles: “Dívida de gratidão”

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva disse, dia 5 de agosto, em conversas reservadas que não demitirá Henrique Meirelles, apesar de nova reportagem questionar uma transação financeira do presidente do Banco Central. Por ora, Lula não vê motivo legal ou ético para tirá-lo. E avalia ainda ter “dívida de gratidão” com Meirelles, que aceitou presidir o BC no final de 2002, após o PT ter enfrentado uma série de recusas. A informação é do jornalista Kennedy Alencar, diretor da sucursal da **Folha de S. Paulo** em Brasília, publicada no jornal no dia 6-08-04. Segundo o jornalista, “ex-presidente mundial do BankBoston, Meirelles foi a sexta opção de Lula no início de dezembro de 2002, quando o então presidente eleito chegou a ficar tenso pelas seguidas recusas. Na época, o presidente do banco ABN-Amro, Fábio Barbosa, e Pedro Bodin, presidente do Banco Itaú e preferido de Palocci, disseram não a convites. Barbosa, aliás, é lembrado como eventual opção na hipótese extrema, e hoje improvável, de saída de Meirelles. Outros três sondados afastaram a possibilidade de dizer sim a um eventual convite: Murilo Portugal, representante do Brasil no Fundo Monetário Internacional (FMI), Jair Ribeiro, ex-JP Morgan, e José Júlio Senna, sócio-diretor da MCM Consultoria”. E o jornalista conclui: “Hoje, quando o governo petista é uma espécie de queridinho dos mercados, não seria difícil substituir Meirelles, mas agora o presidente Luiz Inácio Lula da Silva não quer”.

Obs. A editoria Deu nos jornais foi elaborada em parceria com o Centro de Pesquisa e Apoio aos Trabalhadores – CEPAT. Ela é uma síntese da atualização diária da página www.ihu.unisinos.br

[\(Voltar ao índice\)](#)

Frases da semana

A dívida comanda o governo

“Não adianta dizer que o governo Lula aumentou não sei quantos por cento a dívida. Não foi o governo Lula que aumentou! A dívida é que aumentou. É a dívida que está comandando o governo; não é o governo que está comandando a dívida”. - **Fernando Henrique Cardoso**, ex-presidente do Brasil - **Primeira Leitura**, julho de 2004, p. 28.

A reeleição de Lula

“Parece que a eleição presidencial de 2006 já está decidida. Lula será reeleito, e terá como seu opositor principal, na falta prudente do presidente anterior, figura previsível, como o atual governador de São Paulo”. - **Roberto Mangabeira Unger**, economista - **Folha de S. Paulo**, 3-8-04.

PT e PSDB. Únicos capazes de produzir presidentes

“Por várias razões, no Brasil, há dois grupos capazes de produzir presidentes: o PT e o PSDB. Não é por acaso. É porque, depois da industrialização e do autoritarismo, somos o que há de novo, as duas forças que saíram juntas, duas vertentes de uma mesma modernização”. - **Fernando Henrique Cardoso**, ex-presidente do Brasil - *Primeira Leitura*, julho de 2004, p. 30

“PT e PSDB, aos poucos, vão mimetizando o que pode ser o bipartidarismo brasileiro num futuro próximo. Ambos liberais, a favor da economia de mercado. Do ponto de vista imagético, um (PT) será sempre mais à esquerda que o outro (PSDB). Na vida real, iguais ou quase idênticos. Tal qual os partidos Democrata e Republicano, nos Estados Unidos”. – **Fernando Rodrigues**, jornalista – *Folha de S. Paulo*, 9-8-04.

Brasil e EUA

“O Brasil está numa alta posição nos radares do presidente George W. Bush e do secretário de Estado, Colin Powell”. – **John Danilovich**, embaixador americano no Brasil – *Folha de S. Paulo*, 4-8-04.

“Quanto menos a gente entrar no radar dos EUA, melhor”. – **Fernando Henrique Cardoso**, ex-presidente do Brasil – *Folha de S. Paulo*, 4-8-04.

O segredo de polichinelo

“Quando eu quero que uma coisa seja discreta, secreta quase, eu não falo com mais de três ou quatro pessoas, e sempre as mesmas. Porque, aí, eu tenho a garantia de que vai demorar ao menos 72 horas para chegar à imprensa. Mas que chega, ah! isso chega”. – **Fernando Henrique Cardoso**, ex-presidente do Brasil – *Primeira Leitura*, julho de 2004, p. 32.

O crime da Rua Tonelero

“O tiro que matou o major Rubens Vaz matou Getúlio. E o tiro que Getúlio deu no peito matou a UDN”. - **José Sarney**, presidente do Senado Federal - *Folha de S. Paulo*, 6-8-04.

Brasil e Alca

“O Brasil não deve participar de blocos econômicos em condições de extrema assimetria desfavorável”. - **Samuel Pinheiro Guimarães**, secretário-geral do Itamaraty - *O Globo*, 6-8-04.

“A Alca colocaria em confronto direto, ainda que gradualmente, as megaempresas multinacionais americanas e as empresas brasileiras. Mesmo que algumas empresas brasileiras conseguissem sobreviver à competição e até aumentar as suas exportações, no conjunto as megaempresas americanas levariam vantagem nos EUA, no Brasil e na América do Sul, acarretando a desindustrialização e o aumento do déficit comercial brasileiro”. - **Samuel Pinheiro Guimarães**, secretário-geral do Itamaraty - *O Globo*, 6-8-04.

O G20 é uma obra prima

“A formação do G20 pelo Brasil, francamente, foi uma obra-prima da diplomacia”. – **Tim Groser**, presidente do comitê de agricultura da OMC – *Folha de S. Paulo*, 9-8-04.

“A atuação dos dois líderes do G20 - Índia e Brasil - foi determinante para o sucesso alcançado até agora”. - **Tim Groser**, presidente do comitê de agricultura da OMC – *Folha de S. Paulo*, 9-8-04.

Software livre

“Ser livre é não ter amo. Microsoft e os que desenvolvem softwares privados querem converter-se nos amos do ciberespaço, e viver sob o seu poder é não ter uma vida livre. Assim que temos construído um outro continente no ciberespaço onde não há amos, para viver em liberdade”. – **Richard Stallman**, programador, principal personagem da revolução do “software livre” – **Página/12**, 8-8-04.

“A idéia do software livre constitui em si uma filosofia. A idéia é que o usuário de um computador tem o direito ético de saber o que faz o programa. Tem o direito de mudar o programa e difundir suas cópias do programa entre os seus próximos, com ou sem mudanças. Esta idéia ética é a base do movimento. Tudo o que fazemos é para garantir estes direitos”. - **Richard Stallman**, programador, principal personagem da revolução do “software livre” – **Página/12**, 8-8-04.

Roma e as mulheres

“Que o Vaticano recuse admitir que o acesso das mulheres ao sacerdócio é uma questão de sobrevivência para as inumeráveis paróquias da Europa em vias de desaparecimento já é difícil de compreender. Mas que ele tente ainda em 2004, encontrar uma justificação moral e teológica para a desigualdade dos sexos é, simplesmente, inadmissível”. – Editorial “Roma e as mulheres” do jornal francês **Le Monde**, 7-8-04.

Horta ecológica substitui o tabaco

“Não quero mais produzir veneno com veneno”. - **Maiquel André Kloh**, agricultor de S. Cruz do Sul, RS, referindo-se ao fumo que planta com agrotóxicos – **Folha de S. Paulo**, 9-8-04.

“Meu suor cheirava a veneno”. – **Valdomiro José Schuster**, agricultor que plantava fumo em S. Cruz do Sul, RS – **Folha de S. Paulo**, 9-8-04.

“Aqui, se você está intoxicado, o médico diz que é leptospirose. Fui internado assim”. - **Valdomiro José Schuster**, agricultor que plantava fumo em S. Cruz do Sul, RS – **Folha de S. Paulo**, 9-8-04.

“A nossa idéia é mudar a escala de valores do agricultor”. - **Sighard Hermany**, engenheiro agrônomo, coordenador do Capa (Centro de Apoio ao Pequeno Agricultor) em Santa Cruz do Sul (RS), entidade ligada à igreja luterana – **Folha de S. Paulo**, 9-8-04.

[\(Voltar ao índice\)](#)

EVENTOS IHU

Participe das atividades do Instituto Humanitas Unisinos

Abrindo o Livro

No próximo dia 12 de agosto, das 19h45min às 22 horas, na sala 1G119 do IHU, o Prof. Dr. José Roque Junges, do PPG em Ciências da Saúde da Unisinos, apresentará o livro **Adeus ao corpo. Antropologia e sociedade**, de David Le Breton (traduzido do francês por Marina Appenzeller). Campinas: Papyrus, 2003. 240p., durante o evento **Abrindo o Livro**, do IHU.

Para introduzir o tema aos leitores do **IHU On-Line**, traduzimos e publicamos, a seguir, uma entrevista realizada por Elisabeth Gilles com o autor do livro, David Le Breton e publicada na revista eletrônica **Tendências Científicas** (<http://www.tendencias21.net>), em 12 de abril de 2002.

No dia 15 de setembro de 2004, será a vez de o Prof. Dr. Paulo Henrique Dionisio, das Ciências Exatas da Unisinos, apresentar o livro **O ano miraculoso de Einstein: Cinco artigos que mudaram a face da física**, de John Stachel (organização e introdução). Rio de Janeiro: UFRJ, 2001.

Abrindo o Livro é um evento gratuito, que propõe a apresentação de livros estrangeiros e/ou nacionais de difícil acesso, para discussão e conhecimento da comunidade acadêmica e interessados.

DAVID LE BRETON: O SENTIDO DO CORPO

*Uma empresa californiana conseguiu duas patentes que lhe reconhecem direitos comerciais sobre embriões humanos obtidos por clonagem. Aparentemente, trata-se de uma boa causa. Resistir à cirurgia estética vai se converter logo em heroísmo ou em um ato de inconsciência. Tolerar o menor indício de gordura, uma atitude obscena. E fazer amor na cama, uma atividade defasada, porque na Internet o cibersexo floresce. É limpo, sem riscos e não compromete nada. São exemplos inéditos dos possíveis usos do corpo e não há mais que observar o mundo para conhecê-los. Em sua obra, **L'Adieu au corps**. Paris: Editions Métailié, 1999, David Le Breton, professor de sociologia e antropologia na Faculdade de Ciências Sociais da Universidade de Estrasburgo, descreve os excessos e derivas do que denomina "o extremo contemporâneo", que evolui entre a vontade de controle absoluto e o narcisismo.*

*David Le Breton também é autor dos livros **Usages culturels du corps**. Paris: L'Harmattan, 1997; **Anthropologie du corps et modernité**. Paris: PUF, 1998 e **Signes d'identité**. Paris: Éditions Métailié, 2002; **L'adolescence à risque**. Paris: Hachette Pluriel, 2003; **Les conduites à risque**. Paris: PUF, 2004.*

O que lhe leva a dizer que o corpo se converteu em um acessório, uma espécie de kit?

David Le Breton - A formidável convergência de práticas relativamente recentes, ou cujo êxito é recente, fazem que o corpo seja vivido hoje frequentemente como um acessório da presença. Um material no qual se pode fazer uma bricolagem para pô-lo à altura da vontade do indivíduo. O corpo é um objeto imperfeito, um rascunho por corrigir. O que faz a cirurgia estética? Tenta trocar o corpo para mudar a vida. O fisiculturismo vai na mesma linha: não é questão de contentar-se com o corpo que alguém tem, mas sim aperfeiçoá-lo, dominá-lo. Uma terceira lógica está em jogo: não se podendo controlar a existência em um mundo que se apresenta cada vez mais inacessível, controla-se o corpo. Uma maneira simbólica de não perder seu espaço no tecido do mundo e de procurar um sentido, um valor, projetos, etc.

Não é paradoxal falar do adeus ao corpo ao mesmo tempo que ele é exaltado?

David Le Breton - Não. O corpo exaltado não é o corpo com o qual vivemos, mas um corpo retificado, redefinido. Uma anedota: durante uma ampla investigação sobre a tatuagem e *piercing*, feita entre cinquenta alunos da universidade de Estrasburgo (a maioria tatuados ou com *piercings*), uma das estudantes nos disse, chorando, que depois de haver-se tatuado se

sentia metamorfoseada, completa¹⁸). Ela tinha superado assim um defeito que sentia da infância. Este exemplo nos indica que o corpo, como tal, não era suficiente para lhe assegurar uma existência plena. Fazia falta mudá-lo para que alcançasse uma dignidade que não tinha. A mesma lógica se encontra no fisiculturismo, o transexualismo, a moda da cirurgia estética, a importância dos regimes alimentares, etc. O corpo é um objeto a que nos submetemos, não para nos trazer alegria. Se o corpo fora realmente livre, não se falaria nele.

O problema não é o velho dualismo ocidental corpo-espírito?

David Le Breton - Em parte. Penso que o dualismo contemporâneo não opõe o corpo ao espírito ou à alma, senão ao homem com seu corpo. Por isso falo de um "alter ego". Faz-se do corpo um sócio que se mima ou um adversário que se combate para lhe dar a forma desejada. As facções radicais da cibercultura americana vão ainda mais longe neste dualismo. Consideram que o corpo é desprezível nestes momentos em que podemos nos comunicar em questão de segundos de um extremo ao outro do mundo. Faz-nos perder tempo, adocece, está exposto ao envelhecimento, à morte, etc. É um fóssil, um anacronismo. Por isso sonhamos com a possibilidade de que o espírito humano possa ser arquivado em um disquete de computador, despejado na internet, quer dizer, pensamos na erradicação da carne a favor de inumeráveis próteses informáticas.

Que vínculos existem entre a biologia e a informática?

David Le Breton - Estreitos, na medida em que, sem os procedimentos de cálculo e de cor informáticos, o projeto genoma humano, por exemplo, seria impensável. O computador multiplica, ao infinito, o poder do homem na investigação científica, para o melhor ou o pior, segundo as circunstâncias. Por outra parte, biologia e informática intercambiam seu vocabulário. O corpo humano é percebido, cada vez mais, como uma metáfora informática: pensa-se que os genes programam as características físicas ou psicológicas, que contêm informação, etc. Uma forma a mais de confirmar este fantasma que se abate sobre o corpo humano, que se expressa hoje em algumas correntes ideológicas que pretendem encontrar fundamentos genéticos inelutáveis a todos os comportamentos humanos. E, pela mesma regra de três, a construir uma humanidade perfeita graças à intervenção genética no útero ou à cirurgia genética.

Em que medida a tecnociência transforma os dados antropológicos, como o limite entre o vivente e o inanimado?

David Le Breton - A tecnociência rompe as fronteiras genéticas entre as espécies, por exemplo, no transgênico. Também rompe as fronteiras entre o vivente e o inanimado, por exemplo, com a mitologia da vida artificial ou introduzindo *chips* no corpo humano. Sou um homem ou uma máquina? Este era o drama central de *Blade Runner*. Provavelmente se converta em uma questão lancinante no futuro, quando a humanidade esteja remendada com próteses e *chips* em sua busca desesperada para suprimir a morte.

As questões que suscita a tecnociência, não se situam melhor no âmbito da economia?

David Le Breton - É um dos aspectos do problema, mas não é o único. É verdade que as investigações transgênicas são desenvolvidas freqüentemente por empresas privadas que só buscam o benefício da natureza até o fim, e não à sua preservação para as gerações futuras.

¹⁸ Cf. LEITÃO, Débora Krischke, Mudança de significado da tatuagem contemporânea, *Cadernos IHU Idéias*, no. 16, 2004. (Nota do *IHU On-Line*)

Você cita esta frase do Levi-Strauss: "os últimos refúgios da transcendência se encarnam na biologia". O que significa esta afirmação?

David Le Breton - Em torno do projeto seqüencial do genoma, floresce um discurso científico de maestria absoluta. A decifração do genoma pretende, segundo alguns de seus promotores, nos fornecer todas as explicações não só das enfermidades, mas também do comportamento humano. Assistimos assim a um delírio de prepotência inquietante, porque se trata, em geral, de pessoas que dispõem de um grande poder. Este discurso de aperfeiçoamento do corpo é um discurso religioso do qual alguns cientistas são os profetas ou os apóstolos.

A que nos leva a cibersexualidade?

David Le Breton - À abolição do corpo na relação com o outro. O outro é descartado a favor dos sinais de sua presença. O puritanismo se conjuga com o mito da saúde perfeita. A sexualidade sem corpo elimina qualquer risco de contaminação ou de encontro e não contribui nada no conforto da vida cotidiana. Desaparece a necessidade de sair da gente mesmo e de submeter-se à sedução e ao encontro com o outro. O corpo do outro será um dia um disquete, um fichário, um programa, um site. Eros eletrônico. Para alguns defensores da cibercultura americana, a sexualidade está superada e a percebem inclusive como insípida.

Que limites tem a tecnociência?

David Le Breton - A questão do gosto pela vida me parece fundamental. O progresso da ciência, já se sabe tragicamente hoje, não tem nada a ver com o progresso moral. As técnicas não são senão meios, mas tendem a converter-se em um fim por si mesmas. Quando vemos o mal que se vive nas sociedades ocidentais, o medo do futuro, o abismo terrível que separa ricos de pobres, às sociedades ocidentais das outras, só pode chegar-se à conclusão de que precisamos fazer uma pausa, de vivermos. Neste mundo em que as técnicas são abundantes, o sentido desaparece. A felicidade dos homens não se tece com a acumulação de técnicas, e sim com o sentido que damos à existência.

IHU Idéias

ÉTICA E MÍDIA FOI DEBATE DA ÚLTIMA EDIÇÃO

Na quinta-feira passada, dia 5 de agosto, o tema *Ética e Mídia* foi debatido no evento **IHU Idéias** entre o público presente e o condutor do debate, Prof. Dr. Pedrinho Arcides Guareschi, da PUCRS. Num clima de partilha e simplicidade, o professor Pedrinho conduziu o debate a partir de dois pontos: a ética propriamente dita e a sua relação com a mídia. Guareschi lançou a frase "o trabalho da mídia é propiciar o ambiente onde os cidadãos possam expressar sua opinião. Só há democracia se o povo participar dos meios de comunicação". E concluiu, tristemente afirmando: "não temos democracia em nossa mídia, e isso não é ético. Nosso caso é escandaloso, de dar vergonha para qualquer um". Confira um artigo sobre o tema, escrito pelo professor, na 109ª edição do **IHU On-Line**, de 2 de agosto de 2004.

Ecos do evento

“Li dois livros do professor Pedrinho e é sempre bom ouvi-lo falar. Ele soube articular muito bem a relação da ética com a mídia, e esse assunto me interessa, porque faz parte da constituição da subjetividade da pessoa humana.”

Maria Helena Silva, aluna do curso de Psicologia da Unisinos.

“Foi um debate esclarecedor no que diz respeito à construção da cidadania. O professor Pedrinho é famoso e nos proporcionou um momento de reflexão sobre a importância do exercício do poder da voz.”

Raimundo de Oliveira Félix, diretor em Escola Municipal de Novo Hamburgo.

CINEMA DE ARTE X CINEMA DE ENTRETENIMENTO

Na próxima quinta-feira, dia 12 de agosto, o evento semanal **IHU Idéias** terá como tema de discussão o cinema. O Prof. Dr. Fernando Soares Mascarello, coordenador e professor do curso de Realização Audiovisual da Unisinos, falará sobre Cinema de arte x cinema de entretenimento: o debate crítico e o ensino de audiovisual. O professor é doutor em Ciências da Comunicação pela USP e sua tese se intitula Os estudos culturais e a espetatorialidade cinematográfica: uma abordagem relativista. Confira, a seguir, uma entrevista exclusiva com Fernando Mascarello, que foi concedida por e-mail. **IHU Idéias** é um evento gratuito que acontece todas as quintas-feiras, das 17h30min às 19h, na sala 1G119 do IHU.

IHU On-Line - Quais as principais idéias que irá desenvolver na sua apresentação sobre "Cinema de arte x cinema de entretenimento: o debate crítico e o ensino de audiovisual"?

Fernando Mascarello - Em primeiro lugar, a idéia de que esta dicotomia existe efetivamente no plano das práticas artísticas, teórico-críticas e sociais, razão pela qual a utilizo em meu trabalho. Porém, como toda dicotomia, deve ser relativizada, para que não se incida em uma essencialização, uma redução dos dois opostos. Uma segunda idéia, que pauta a minha abordagem, é a de um pluralismo estético: deveríamos agir no sentido de fomentar e respeitar, esteticamente, ambas as formas de fazer cinematográfico e os gostos e prazeres do público que lhes correspondem. Na minha apresentação, farei um breve apanhado da história desta oposição e do debate teórico-crítico a seu respeito, propondo um olhar pluralista sobre ela e comentando minha experiência como professor de História do Cinema e Teoria do Cinema no curso de Realização Audiovisual da Unisinos. Trabalhei a História do Cinema com os alunos a partir do embate histórico entre o cinema de entretenimento (hollywoodiano) e o cinema de arte, ao mesmo tempo estimulando a abertura dos alunos ao "outro". Os resultados foram ótimos: ao passo que os alunos mais elitistas, defensores do cinema de arte e detratores do cinema de entretenimento passaram a respeitar mais o cinema comercial e seu público, os outros, pouco conhecedores do cinema de arte, tiveram a oportunidade de ampliar seu repertório cinematográfico, constituído até então quase que exclusivamente pelo cinema de entretenimento.

IHU On-Line - O que caracteriza o cinema arte? Necessariamente, o cinema arte é destinado para uma elite?

Fernando Mascarello - Enquanto o cinema de entretenimento apela ao grande público, o de arte evidentemente tende a seduzir um público mais reduzido e de maior bagagem cultural. Isso resulta de uma aposta do primeiro na comunicabilidade e em esquemas narrativos mais simples: personagens bem-definidos, com objetivos claros que deflagram uma linha de causa e efeito que conduz a ação narrativa. Além disso, o espectador está sempre muito bem situado na história, muito bem localizado em termos de tempo e espaço. E, por fim, há um trabalho

buscando a invisibilidade do estilo cinematográfico empregado pelo diretor. Já o cinema de arte promove o contrário: especialmente em seu estado mais puro, durante o alto modernismo cinematográfico dos anos 1960 e 1970, apresenta personagens ambíguos, em crise existencial, sem objetivos claros, o que resulta na ausência de uma linha de causa e efeito bem demarcada, e na opção por uma dramaturgia dos pequenos incidentes do cotidiano. Frequentemente, há uma maior dificuldade para o espectador de localização no tempo e espaço da história, que, em geral, se associa com um intenso trabalho de estilo cinematográfico. Em função disso, o cinema de arte tende a atingir um público mais elitizado em termos culturais.

***IHU On-Line* - Que experiências existem na atualidade em que arte e entretenimento se unem no cinema ou no audiovisual em geral?**

Fernando Mascarello - Desde os anos 1980, como consequência, por um lado, da exaustão do modernismo nas várias artes no cenário da pós-modernidade, e, por outro, do ressurgimento avassalador de Hollywood após sua crise dos anos 1960, através da nova espécie de *blockbusters* que nasce com *Tubarão*, de Steven Spielberg (1975), e de *Guerra nas Estrelas*, de George Lucas (1977), o cinema de arte passou a estabelecer um maior diálogo com o cinema mais comunicativo. Hoje, a maior parte dos grandes cineastas de arte trabalha com híbridos de cinema de arte e cinema de entretenimento, como Almodóvar, Tarantino, os irmãos Coen e tantos outros.

***IHU On-Line* - Por que é importante a formação audiovisual, tanto para quem faz especificamente um curso na área, quanto para a população em geral?**

Fernando Mascarello - Todos temos uma formação audiovisual, em termos de repertório, desde a mais tenra infância, frente à televisão. Os futuros profissionais da área necessitam de uma formação especializada, que, no Rio Grande do Sul, até o surgimento do curso de Realização Audiovisual da Unisinos, no ano passado, era alcançada de uma maneira autodidata. Esta formação deve habilitá-los a compreender a linguagem e a estética do audiovisual, sua história e a das teorias que têm procurado pensá-las, e a utilizar a tecnologia disponível para realizar produtos audiovisuais. A formação, portanto, deve ser teórico-prática: o realizador deve saber fazer, mas, sobretudo, pensar criticamente o seu fazer artístico e comunicacional. Para a população, uma educação cinematográfica e audiovisual poderia desenvolver o senso crítico e estético a respeito do cinema e da imagem midiática em geral. Assim como proporcionamos aos alunos aulas de literatura ou música nos Ensinos Fundamental e Médio, estimulando a construção de repertórios e de uma leitura ou escuta críticas, deveríamos oferecer aulas de cinema com vistas à construção de repertórios e de um olhar sensível e crítico. E não me refiro ao uso do cinema como ferramenta didática em aulas de História, Geografia etc., mas a uma educação propriamente cinematográfica, isto é, uma educação sobre e para o cinema.

***IHU On-Line* - Quais seriam os pontos-chave para um debate crítico sobre o audiovisual tanto nas experiências cinematográficas quanto televisivas no Brasil, atualmente? O que caracterizaria um olhar crítico?**

Fernando Mascarello - Um dos pontos-chave é exatamente um posicionamento a respeito da polêmica cinema de entretenimento x cinema de arte, o qual, em meu ponto de vista, deve ser pluralista. Na esfera da política cinematográfica, isso contribuiria para a consolidação de uma indústria cinematográfica nacional, fundada na oferta plural de produtos aos mais distintos setores do público. Um segundo ponto é o debate sobre a função de um cinema brasileiro hoje,

no contexto de um mundo globalizado, em termos da construção de identidades nacionais e de representações do Brasil no exterior. E um terceiro ponto, fundamental, é a discussão da relação entre cinema e televisão, em um momento de convergência entre os suportes, formatos e meios audiovisuais.

IHU On-Line - Que potencial o Brasil pode oferecer àqueles estudantes que optam pela formação audiovisual?

Fernando Mascarello - A cultura brasileira caracteriza-se por sua visualidade arrebatadora, em sintonia com a afetividade e a sensualidade presentes nas relações sociais. Isso acarreta um potencial criativo imenso, que pode ser mobilizado para o desenvolvimento de olhares instigantes sobre as múltiplas realidades sociais e individuais encontradas no País.

Acompanhe, a seguir, a programação do IHU Idéias no mês de agosto

19/08/04 – O modo de objetivação jornalística. Práticas de jornal sob uma perspectiva foucaultiana - Prof.^a Dr.^a Beatriz Alcaraz Marocco – Professora na Unisinos

26/08/04 – Getúlio, 50 anos depois- Prof. Dr. Juremir Machado da Silva – PUCRS

II Ciclo de Estudos sobre *O Método*, de Edgar Morin

Retomando as atividades do segundo semestre de 2004, foi realizada mais uma edição do evento **Ciclo de estudos sobre “O método”, de Edgar Morin**, promovido pelo IHU, no último dia 5 de agosto de 2004. Na ocasião, o Prof. Dr. Álvaro Luiz Montenegro Valls conduziu o **Seminário sobre O Método IV: As Idéias**. O professor e pesquisador do PPG em Filosofia da Unisinos concedeu uma entrevista sobre o tema ao **IHU On-Line** na 109ª edição, de 2 de agosto de 2004. A próxima edição do evento se realizará no dia 19 de agosto próximo, quando o Prof. Dr. Inácio Neutzling, coordenador do Instituto Humanitas Unisinos, professor e pesquisador no PPG em Ciências Sociais Aplicadas da Universidade, apresentará o Seminário sobre *O Método V: A humanidade da humanidade. A Identidade Humana*.

Ecos do evento

"Estou achando o evento como um todo muito bom. Os palestrantes estão apresentando uma abordagem sistemática não apenas da obra, *O Método*, mas sobre o pensamento de Morin, pelo qual perpassa o núcleo central dos debates. A proposta é interessante, já que o livro pretende ser uma síntese das idéias desse autor".

Prof. Dr. Justino Adriano da Silva, professor nas Ciências Jurídicas da Unisinos.

"O professor Álvaro conseguiu contemplar muito bem a obra, passando uma visão geral do seu conteúdo. Achei bastante importante a ponte que ele fez com outros autores. Morin é interessante porque traz outras perspectivas para as ciências e a pesquisa. É uma primeira aproximação da academia com um pensamento tão rico e complexo quanto o de Morin. Por isso, vai um elogio à interessante iniciativa".

Patrícia Cava, professora de Psicologia da Educação na Universidade Federal de Pelotas e aluna do PPG em Educação da UFRGS.

"Procurei esse evento, motivada pela leitura de Edgar Morin, pela quebra de paradigmas que ele oferece, culminando num conjunto completo que serve para orientar caminhos. A escolha dos palestrantes foi brilhante, pois todos têm facilidade na interpretação das idéias de Morin, já que tiveram alguma experiência pessoal com ele".

Maria Celia Rossetto, professora de Psicopedagogia na Universidade de Passo Fundo e aluna do PPG em Educação da UFRGS.

Era Vargas em Questão

Por ocasião do cinquentenário da morte de Getúlio Vargas, surge a necessidade de debater o legado da Era Vargas. O Instituto Humanitas Unisinos, em parceria com o Programa de Pós-Graduação em História da Unisinos, promove o *Seminário Nacional A Era Vargas em Questão 1954 - 2004*. O evento se realizará de 23 a 25 de agosto de 2004, no Auditório Central da Unisinos e tem como objetivos analisar criticamente a Era Vargas; refletir sobre o seu significado para o desenvolvimento socioeconômico brasileiro; e descrever os principais aspectos econômicos, sociais, educacionais, políticos e culturais da Era Vargas. O Seminário é dirigido à comunidade acadêmica da Unisinos e das escolas de Ensino Médio da região metropolitana de Porto Alegre. Será fornecido certificado de participação aos inscritos, que deverão pagar a taxa de R\$ 50,00. As horas do evento poderão ser computadas como atividade complementar para os cursos de graduação em Economia, Direito, Jornalismo, Relações Públicas e Publicidade e Propaganda.

Paralelamente às conferências e oficinas do evento, ocorrerá a *Eu Getúlio, Ele Getúlio, Nós Getúlio*, de 23 de agosto a 22 de setembro de 2004, das 8h às 22h, no Espaço Cultural do IHU, aberta à visitação.

Confira o programa completo no sítio www.ihu.unisinos.br

Encontros de Ética para alunos

MEDOS VISÍVEIS E INVISÍVEIS

Os alunos da Unisinos interessados em discutir temas atuais, que envolvem a abordagem ética, estão convidados para participar do evento **Encontros de Ética para alunos**, que é gratuito e acontece a cada 15 dias. A primeira edição do segundo semestre de 2004 acontecerá na próxima segunda-feira, dia 16 de agosto, das 17h30min às 19h, na sala 1G119 do IHU. Na ocasião, o Prof. MS Julio Cesar Walz, psicólogo clínico e professor da Escola Superior de Teologia (EST), de São Leopoldo desenvolverá o tema Medos visíveis e invisíveis. Graduado em Psicologia pela Unisinos e mestre em Psicologia Social e Institucional pela UFRGS, Walz atualmente cursa doutorado em Medicina (Clínica Médica) na mesma instituição. Ele é também membro fundador e professor do Instituto Wilfred Bion, de Porto Alegre. Julio Cesar lançou recentemente o livro **Aprendendo a lidar com os medos**. São Leopoldo: Editora Sinodal, 2004.

O professor concedeu uma entrevista por e-mail ao **IHU On-Line**, que reproduzimos a seguir:

IHU On-Line - Quais os principais assuntos a serem abordados na apresentação do tema "Medos visíveis e invisíveis"?

Julio Walz - Esta divisão didática que estabeleci no livro tem a função de ajudar as pessoas a pensarem para além das questões manifestas ou evidentes acerca do que vivem em termos de medo, que seriam os medos visíveis (fobias, pânico, terror, estresse pós-traumático, entre

outros). Os medos invisíveis são aqueles sustentados por fantasmas que denominei de fantasma da solidão e fantasma do limite. Esses fenômenos não se apresentam ao sujeito de forma clara e, muitas vezes, são considerados como absolutamente normais, mas que acabam restringindo, em muito, a forma de viver mais prazerosa e, digamos assim, livre no pensar e no agir.

IHU On-Line - Que aspectos são fundamentais no desenvolvimento humano para aprender a lidar com os medos?

Julio Walz - Em termos preventivos, o aspecto que destaco no texto está relacionado à tarefa cuidadora dos pais e demais cuidadores. O cuidado auxilia para que a criança possa, durante seu desenvolvimento, construir pontes mentais, com o objetivo de evitar que os excessos mentais venham a inundar a atividade psíquica, estagnando o desenvolvimento da criatividade e de um viver mais alegre. Veja, cuidar pelo dicionário do Aurélio, tem sua origem no latim *cogitare*, que significa: *Imaginar, pensar, meditar; cogitar, excogitar; Julgar, supor: Aplicar a atenção, o pensamento, a imaginação; atentar, pensar, refletir. Ter cuidado; tratar: Fazer os preparativos*. Cuidar não é apenas prover materialmente uma vida. É mais... Muito mais. É ajudar a criança a não viver da realidade bruta, pois a realidade também precisa ser imaginada para se poder agir com esperança para a transformação. E esperança só existe, quando se consegue imaginar ou escapar da linearidade e isso só e consegue pela mediação.

IHU On-Line - Quais são os principais medos que surgem nos indivíduos de nossa sociedade pós-moderna? Que caminhos podem ser apontados para lidar com esses medos?

Julio Walz - O medo é um fenômeno biológico, digamos assim. Tanto os animais como os seres humanos sentem medo. Na origem, o medo tem um caráter protetor, de avisar do perigo, de colocar a pessoa em posição de alerta. Mas como seres da linguagem, muitas vezes o medo humano adquire formas desproporcionais ou não condizentes com a realidade. Tipo, sentir medo ou pânico de cobra sem ter nenhuma por perto ou quando se vê uma na TV. Na atualidade, diria que os medos mais salientes aparecem relacionados ao que se chama de síndrome do pânico, que se trata de uma fobia. Mas em termos descritivos, diria que as queixas maiores encontram-se no fantasma da solidão e no fantasma do limite, que estariam relacionados ao medo da experiência psíquica do tempo, da finitude, do limite, do não posso tudo. Até pelo declínio dos vínculos simbólicos com a história e a desconstrução dos espaços de civilidade, usando uma expressão de Zygmund Bauman em seu livro *Modernidade Líquida*⁽¹⁹⁾.

IHU On-Line - Em algum momento da história política de nosso País, se falava de uma oposição entre medo e esperança. Na atual campanha política dos Estados Unidos, o presidente apela ao medo para sua reeleição. De que forma acontecem as relações entre medo e poder no sistema político, familiar e na vida social em geral?

Julio Walz - Pergunta interessante, complexa e que exige ainda muita investigação. Vejamos algumas teses para discussão. O medo paralisa. Especialmente o medo fantasmático. Justamente porque o medo fantasmático sustenta na vida mental do sujeito uma premissa, emocional e inconsciente, de que perder ou se separar/mudar é altamente desprazeroso e com um caráter de desamparo absoluto. Este medo fantasmático, aumentado pela falta de pontes

¹⁹ BAUMAN, Zygmund. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 1999.

mentais (e aqui podem ser as individuais como coletiva/sociais), vai em busca de uma realidade estável ou supostamente estável e segura. Ou seja, quer um poder absoluto e onipotente (ou como diria Nietzsche, megalomaniaco) que possa trazer uma estabilidade em sua atividade psíquica, relacional ou social. Então, o medo fantasmático tende a aumentar, quando as relações sociais e legais tendem a perder um vínculo com a palavra mediadora e passam a se constituir apenas pela burocracia ou pela ausência de um interlocutor. Quando esta palavra mediadora se perde, que é um mínimo de experiência de confiança ou de alteridade, resta ao sujeito operar pela força e fantasma. E quando a força fica sustentada pelo medo fantasmático, estaríamos já falando em fundamentalismos, por exemplo. A questão é como operar dispositivos simbólicos e sociais. Pois quando a palavra fica obscurecida em seu valor estético ou utópico, resta a realidade dura, concreta, áspera, sem saída. Talvez aqui tenhamos algumas pistas investigativas sobre o crescente fenômeno da violência e drogadição. O drogadito é aquele que vive a vida sem esperança, pois para ele alterar a realidade concretamente, seja qual for, lhe é por demais custoso. Por isso, prefere destruí-la, seja seu corpo ou o do outro, pois o corpo é a marca do fantasma do limite, o qual não deseja ou suporta operar. Esta falta de esperança (que dá força para a ação) é a marca da diminuição das pontes mentais que falo no livro, pois a passagem de uma margem a outra, mesmo que enxergue a outra, não lhe faz sentido. Portanto, não necessita atravessar. Ao mesmo tempo, poderíamos pensar que os fenômenos relacionados ao corpo (cirurgias estéticas, tatuagens, próteses aditivas para melhor desempenho, agressividade, bulimias, anorexias) são tentativas de marcar algo no corpo que produza um sentido de existência, de marca, de permanência. Algo que seja visível e sensível, pois o sentido de permanência e de continuidade não pôde ser devidamente formulado na atividade mental. Busca-se na visibilidade a experiência do tempo, que deveria ser psíquica. Ou seja, é uma vivência protética. Portanto, um aspecto do poder, buscado pelo medo, revelaria uma faceta masoquista, digamos assim.

IHU On-Line - Por que é importante abrir um debate sobre medos visíveis e invisíveis no meio universitário, com estudantes de diversos cursos?

Julio Walz - Talvez a resposta da questão anterior possa auxiliar em dois aspectos. O primeiro, e aqui eu falaria como clínico, seria de auxiliar para uma percepção mais acurada do cotidiano. Quer dizer, que a gente possa perceber momentos paralisantes, que podem estender-se por longos anos em alguns casos, e ver se é possível solucionar de alguma forma estes estados de falta de alegria, prazer e criatividade. O segundo aspecto seria o de recuperar ou de introduzir o tema do medo como também sendo uma questão de reflexão e de pesquisa. Para citar um outro exemplo, que não o de questões sociais como fiz acima, vejamos o seguinte: uma pessoa sofre por longos anos de crises epiléticas recorrentes, cujo uso de medicação não consegue conter. A pessoa é avaliada e submetida a uma cirurgia. Sua cura é total. Mas, o que se percebe em inúmeros casos, é que a qualidade de vida da pessoa está praticamente igual ao período pré-cirúrgico. Por quê? Qual a razão para ela continuar com o medo e a espera das crises? É algo que está relacionado com a memória. Veja, memória, medo e fantasma. Três temas... Três faces... Três relações que podemos e devemos explorar melhor em nossas investigações.

IHU On-Line - Algum outro aspecto que deseje acrescentar e não foi perguntado.

Julio Walz - Para encerrar vou me reportar à página 9 do livro com o objetivo de mostrar um pouco acerca da tonalidade do texto: “Ao conversarmos com alguém, é valioso quando sentimos que uma lembrança, uma memória agradável, uma palavra, deixam uma marca, um rastro. Melhor ainda, quando estamos com alguém, em cuja presença nos sentimos à vontade e

com um mínimo de certeza de que podemos falar e que deste interlocutor teremos alguma palavra que não nos deixará no vazio da intensidade. Estas situações e/ou momentos não são rotineiros na vida de ninguém. Mas, quando acontecem, temos vontade de continuar, de querer mais, de ouvir e de falar mais. Certas palavras, gestos, acolhimentos ficam para sempre guardados e, quando precisamos recorrer de alguma ajuda, de algum consolo, estas situações ou momentos retornam à nossa memória com força tranqüilizadora. A isso chamei de cuidado ou construção de pontes na vida mental, alicerces importantes para que se possa enfrentar o desamparo e os medos da vida. Desejo que você, caro leitor, possa ao longo desta trajetória de leitura encontrar algum momento como este. Espero que o livro o ajude a fazer memórias. E mais, que possam ser buscadas em alguma situação mais difícil da sua vida. E não apenas memória de um tempo que passou, mas a esperança de poder sair do emaranhado, sem medo de viver e aprender com a vida. Aliás, aprender a lidar com... passa necessariamente pela liberdade de aprender com a própria experiência emocional do viver... Boa leitura... Bons encontros..."

[\(Voltar ao índice\)](#)

IHU REPÓRTER



Christian Hofsetz

Diante do desafio recentemente assumido de coordenar os novos cursos de graduação tecnológica da Unisinos, o professor Christian Hofsetz se mostra animado e disposto a retribuir, com seu trabalho, o que a Universidade lhe ofereceu até então. O pai de Alice e Davi conta sua história de vida, falando também sobre os cursos de Segurança da Tecnologia da Informação e Desenvolvimento de Jogos - Entretenimento Digital, além de abordar as oportunidades que a área da Informática oferece hoje, no mercado de trabalho. Confira.

Origens - Nasci em Porto Alegre. Nossa família é composta por meus pais, eu e minhas três irmãs. Meu pai é engenheiro mecânico, formado pela UFRGS, e minha mãe era dona de casa. Ainda quando eu era criança nos mudamos para Bento Gonçalves, onde vivi minha infância. Em casa, meu pai sempre falou que a educação era o que havia de mais importante. Ele sempre fez de tudo para que eu e minhas irmãs tivéssemos formação superior.

Formação - Estudei até a 7ª série no Colégio Nossa Senhora Medianeira, uma escola católica em Bento Gonçalves. Logo depois de concluir a 8ª série e o ensino médio (na época segundo grau) em uma escola pública da cidade, ingressei, em 1990, no curso de Análise de Sistemas da Unisinos. Foi aqui que eu conheci a pesquisa acadêmica, sendo bolsista de iniciação científica. Formei-me na graduação em 1994 e um ano depois comecei a cursar o mestrado em Ciência da Computação, na UFRGS, o qual terminei em 1997. Em 1999, fui para a Califórnia, nos Estados Unidos, cursar o doutorado em Ciência da Computação na Universidade da Califórnia, onde fiquei até o ano passado.

Profissão - No ano de 1996, iniciei minha carreira como professor, dando aulas na Universidade de Caxias do Sul, no Câmpus de Bento Gonçalves. Em agosto do mesmo ano,

ingressei como professor de Informática também na Unisinos, depois de passar por um processo de seleção. Desde 1997, tenho dedicação exclusiva na Unisinos. Aqui na Universidade, trabalhei, durante um período, como consultor técnico da Pró-Reitoria de Ensino e Pesquisa (Proempe). Exercia o cargo junto com o Ernesto Oderich, com quem aprendi muita coisa. Eu nunca tinha pensado em ser professor. Desde jovem, quando iniciei o trabalho com computadores, sempre achei que meu caminho seria trabalhar no Centro de Processamento de Dados (CPD) de uma empresa. Porém, quando iniciei nos projetos de pesquisa na Universidade, despertei para o lado acadêmico e decidi seguir por esse caminho tão interessante.

Família - Casei-me com a Berenice em 1996. Ela também é professora nas Ciências Exatas, área de computação, aqui na Unisinos e está licenciada atualmente. Conhecemo-nos no curso de graduação, onde éramos colegas. O namoro não atrapalhou os estudos, pois nós nos ajudávamos e começamos a estudar bem mais do que antes. Quando morávamos nos Estados Unidos, tivemos dois filhos: a Alice, que tem 2 anos, e o Davi, de 1 ano.

Perspectiva com os novos cursos - Esses novos cursos tecnológicos foram criados com a finalidade de preencher uma lacuna no mercado que estava carente de pessoas com formação superior cujos cursos não demorassem muito tempo. As empresas na área tecnológica não querem bacharéis. Querem pessoas com alto conhecimento técnico e título superior. O profissional desses cursos, com duração de 2 anos e meio ou 3 anos, é preparado para o mercado, não para a academia. Uma novidade que eles trazem, e que talvez se estenda para os demais cursos, é a certificação progressiva. Mesmo ainda não tendo concluído o curso, o aluno tem em mãos, para apresentar no mercado, um certificado de que terminou ao menos uma parte daquele curso. A graduação em Desenvolvimento de Jogos e Entretenimento Digital atraiu muita gente, pois forma profissionais para programar jogos de computador, não se detendo na parte de *design*, mas também na parte de programação. Já o curso de Segurança da Tecnologia da Informação abrange, em sua formação, todos os aspectos que envolvem o quesito segurança, desde a física em estabelecimentos, até a segurança na Internet, como os *home bankings*, etc.

A Informática e o mercado de trabalho - As pessoas que sabem Informática e trabalham por vocação estão garantidas. Todo mundo usará o computador daqui para frente. O ideal seria se o aluno pudesse cursar computação e aprender outra atividade ao mesmo tempo. Esse tipo de profissional é difícil de encontrar. Se ele souber aplicar o conhecimento da Informática em alguma área que ele conheça a fundo, por experiência, ele se destacará. Não há necessidade de fazer outro curso paralelo à Informática; apenas inteirar-se de outra atividade em que ele possa aplicar os conhecimentos de forma dirigida e inter-relacionada.

Autores - Isaac Asimov e Ken Follet.

Livro - *The question of God*, de Armand Nicholi Jr. É um debate "construído" sobre Deus, sexo e o significado da vida, entre CS Lewis, um católico fervoroso, e Sigmund Freud, um ateu. O autor desse debate, elaborado com base em argumentos dos dois personagens sobre os assuntos, é professor de Psiquiatria da faculdade de Medicina na Universidade de Harvard há 25 anos.

Filme - *O Sexto Sentido*, de M. Night Shyamalan. Não gosto de ver o mesmo filme duas vezes, mas esse eu fiz questão de assistir novamente, para ver se tudo se encaixava com o final surpreendente. Ele deveria ter sido premiado com o Oscar no lugar de *American Beauty*.

Presente - Livros.

Nas horas livres - Antes de ter a Alice e o Davi, eu gostava muito de passear com minha esposa ou jogar na internet. Hoje, as horas livres são para as crianças. Quero aproveitar essa fase.

Planos futuros - Espero ingressar como professor no Mestrado da Unisinos, para ter pesquisa e publicações, porque somos avaliados por isso. Infelizmente o MEC não avalia o desempenho dos professores em sala de aula. Eu espero que isso mude. Outro plano é fazer um pós-doutorado na Inglaterra ou nos Estados Unidos. Pretendo fazer isso quando as crianças já estiverem na idade de aprender bem o inglês. Quero muito que eles falem bem o idioma, porque são americanos, têm nacionalidade americana. A Alice viveu dois anos lá. Ela me chama de *daddy*, ao invés de pai.

Experiência marcante - O falecimento da minha mãe, vítima de câncer, em 2002, quando eu estava no doutorado, nos Estados Unidos, foi um momento que me marcou bastante. Ela mal conheceu a Alice, única neta até então.

Unisinos - Sempre gostei daqui, desde a época em que eu era apenas aluno. Vejo a Unisinos como uma instituição que preza pela qualidade. Isso dá mais trabalho do que vender o produto apenas por vender. Mas o resultado final mostra que esse trabalho vale a pena. E o mercado lá fora reconhece.

IHU - Confesso que conheço apenas o *IHU On-Line*. O Instituto Humanitas Unisinos surgiu enquanto eu estive fora. Agora, com meu retorno, pretendo me inteirar e conhecer todo o trabalho.

[\(Voltar ao índice\)](#)

SALA DE LEITURA



"O livro que leio atualmente se chama *A Arte da Guerra para Mulheres*, e foi escrito por Chin-Nig Chu. São Paulo: Fundamento, 2003, 168 páginas. Nesta obra, considerada *bestseller* internacional, temos uma adaptação da famosa obra *A arte da guerra* de Sun Tzu, direcionada para a mulher que procura um destaque e realização profissional, através dos ensinamentos do Tao (que significa "caminho", "retidão"), definido como a força que está por trás de toda a criação. A busca do equilíbrio do corpo e do espírito para uma maior eficácia no "combate" do mercado de trabalho, enfocando a intuição feminina como arma para alcançar os objetivos traçados. É um livro que serve não apenas para as mulheres que desejam algo mais no caminho profissional, mas para todas aquelas que procuram alcançar o equilíbrio de suas relações familiares e sociais, pela vivência e pela estratégia utilizada para o confronto das relações humanas".

Prof.^a MS Cláudia Marlise Ebling, graduada e mestre em Direito e professora nas Ciências Jurídicas da Unisinos.



"Um dos últimos livros que li, que considerei instigante, foi o livro do filósofo canadense Ian Hacking, **La construcción social de qué?**, publicado em Barcelona pela Editora Paidós em 2001, com 399 páginas. O autor problematiza os argumentos mais usuais que produzimos sobre a natureza do conhecimento e a realidade. Construção Social do que? O que está sendo construído? Os fatos? O gênero? Uma pessoa? Um objeto? Uma teoria? Argumenta que o construcionismo social traz uma postura libertadora para os seres humanos, pois considera que os significados das coisas não são fixos nem inevitáveis, são construções sociais. Hacking problematiza, por um lado, as concepções cartesianas e, por outro, as concepções eminentemente lingüísticas na produção de conhecimento. Otimista, tenta construir uma concepção que articule o material e o discursivo como componentes fundamentais para as produções de conhecimento sobre o que consideramos realidade. Para isso, utiliza exemplos questionando, além de outros tópicos, as Ciências Naturais, a questão da loucura (se é biológica ou socialmente construída), a questão de como a lógica das indústrias armamentícias determinam o que (e como) será pesquisado no universo científico, etc."

Prof. Dr. Jefferson de Souza Bernardes, graduado em Psicologia, mestre em Psicologia Social pela PUCRS, doutor em Psicologia Social pela PUCSP, e professor do Curso de Psicologia da Unisinos.



"Estou lendo **Negócios Internacionais**, do autor Douglas S. Hartung. Rio de Janeiro: Editora Qualitymark, 2002, 360 páginas. O profissionalismo para atuar na área de comércio exterior tem-se tornado uma exigência cada vez mais valorizada e é necessário ter conhecimento de todos os intervenientes que atuam no processo de negociação. De uma forma clara, são abordadas a estrutura e as regras para atuação no comércio exterior. As rotinas referentes à exportação e à importação de mercadorias são descritas no capítulo 2, em que, inclusive, faz um apanhado referente ao Siscomex²⁰. Os capítulos 3 e 4 falam sobre os agentes que intermediam as operações e sobre as agências de fomento, e o capítulo 5, a dinâmica do mercado de câmbio. Nos capítulos 6 e 7, o autor aborda as regras dos contratos e os principais contratos internacionais. No capítulo 8, os riscos e as operações de Trade Finance. Nos capítulos 9 e 10, aborda assuntos importantes, como Financiamentos e Operações e Mercado de Capitais. No capítulo 11, trata detalhadamente do crédito documentário e da cobrança sob o enfoque de forma de pagamento. Acredita-se que este livro propiciará ao leitor uma contextualização lógica do processo, apresentando uma seqüência de informações em cadeia".

Prof.^a Esp. Silvana Filereno, graduada em Comércio Exterior, especialista em Administração de Serviços, e professora nas Ciências Econômicas da Unisinos.

[\(Voltar ao índice\)](#)

²⁰ Sistema Integrado de Comércio Exterior, sistema que controla as operações de comércio exterior do País. (Nota da professora).

CARTAS DO LEITOR

Caros amigos:

Recebi os dois números de IHU On-Line, onde está também minha contribuição: a revista é interessante e bem feita, parabênizo vocês por isso. Vejo que a revista apresentou também o livro *Prospettive teologiche per il XXI secolo*²¹. Gostaria de receber o número. O livro está sendo traduzido para o português. Nos encontraremos em Porto Alegre em janeiro para o Fórum Mundial de Teologia e Libertação. Estou regressando de Kinshasa onde participei do Congresso Internacional de Misiologia (podem ver em Teologi@Internet⁽²²⁾): foi uma experiência intensa eclesial e africana.

Um caríssimo saluto,
Rosino Gibellini

Participe das enquetes do IHU

Os internautas que gostam de interatividade podem participar das enquetes do sítio do IHU (www.ihu.unisinos.br). A enquete desta semana está relacionada com o tema de capa do boletim *IHU On-Line* da semana passada, n.º 109, Ética e Mídia. A pergunta é:

"Sabendo que hoje vivemos uma intensa crise ética que atinge a sociedade, inclusive a mídia e os profissionais da comunicação, na sua opinião, a ética da mídia deve ser da responsabilidade: do profissional de comunicação; do veículo ou empresa de comunicação; do cidadão; ou do Estado, que faz a concessão do veículo de comunicação."

Na semana passada, as eleições nos Estados Unidos pautaram a enquete. A pergunta "Se John Kerry for eleito presidente dos EUA em novembro próximo, você acha que sua atuação na cena internacional expressará:", foi respondida da seguinte maneira:

- uma verdadeira mudança radical em relação ao governo G.W. Bush - 14.28% dos votos.
- mais uma mudança de estilo do que propriamente uma mudança radical - 85.71% dos votos.

Acesse www.ihu.unisinos.br e expresse sua opinião.

[\(Voltar ao índice\)](#)

EXPEDIENTE:

IHU On-Line é uma publicação semanal do Instituto Humanitas Unisinos – IHU –, da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos. Coordenador do IHU: Prof. Dr. Inácio Neutzling (inacio@bage.unisinos.br).

²¹ Cf. *IHU On-Line* n.º 60, de 19 de maio de 2003.

²² O sítio é: www.queriniana.it É o mesmo sítio que reproduziu a entrevista com o teólogo italiano Rosino Gibellini publicada no *IHU On-Line* n.º 102, de 24 de maio de 2004.



Coordenadora Adjunta: Profª MS Vera Regina Schmitz (verasc@poa.unisinos.br). Redação: Inácio Neutzling, Sonia Montañó (soniam@bage.unisinos.br), Pedro Luiz S. Osório (osorio@bage.unisinos.br) Mtb 4579, e Graziela Wolfart (graziela@poa.unisinos.br). Revisão: Profª Mardilê Friedrich Fabre (mardile@centauro.unisinos.br). Consultoria: Agência Experimental de Comunicação (AgexCom). IHU On-Line circula às 2ªs feiras via e-mail e pode ser acessado no sítio www.ihu.unisinos.br. Sua versão impressa circula na Unisinos. Endereço: Av. Unisinos, 950 – São Leopoldo, RS. CEP 93022-000 E-mail: ihuinfo@poa.unisinos.br . Fone: 51 5903333 – Ramais 4121 ou 4128. E-mail do IHU: humanitas@poa.unisinos.br . Ramais: 1173 e 1195.